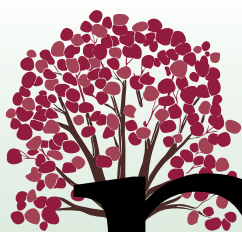


União Brasileira de Escritores
Mato Grosso do Sul



Revista

piúna

Periódico bimestral da UBE-MS

Volume I | nº. 1 | Set./Out. de 2020

A large, stylized tree with a thick brown trunk and a dense canopy of bright pink and red flowers. The tree is set against a light blue background with faint, wavy lines. A pile of pink and red flower petals lies at the base of the tree.

Angela Colognesi
Cassio Rodrigues
Claudia Finotti
Fábio Pereira do Vale Machado
Ismael Machado
James Flores
Janet Zimmermann
Ledir Marques Pedrosa
Mara Calvis
Marcos Coelho
Nena Sarti
Raquel Medina
Reginaldo Albuquerque
Rogério Fernandes Lemes
Sagramor Farias
Sylvia Cesco
Thaís Martins
Walesca Cassundé

Revista
piúna
Periódico bimestral da UBE-MS

Capa

Tela Ipê Rosa, de Isaac de Oliveira



Isaac de Oliveira

No coração do Pantanal, o artista Isaac de Oliveira viveu. E com delicadeza, profundidade e sensibilidade usou a arte como forma de expressão: criou e retratou a exuberância da natureza, com cores que compõem um estilo inconfundível de sua arte. Hoje, seu imenso trabalho ultrapassa fronteiras com diversas obras e admiradores espalhados por diversos países. Tons que preenchem mais do que os olhos do espectador, inundam a alma e encantam todos os sentidos.

Fonte: <https://www.isaacdeoliveira.com.br/sobre>

Sumário

Angela Colognesi	5
Claudia Finotti	6
Fábio Pereira do Vale Machado	7
Ismael Machado	19
James J. Barbosa Flores	20
Janet Zimmermann	22
Ledir Marques Pedrosa	23
Mara Calvis	24
Marcos Coelho	25
Nena Sarti / Cassio Rodrigues	26/27
Raquel Medina	28
Reginaldo Albuquerque	29
Rogério Fernandes Lemes	31
Sagramor Farias	33
Sylvia Cesco	34
Thaïs Martins	36
Walesca Cassundé	38

Revisão de Texto

Raquel Medina

Projeto Gráfico



(67) 99939-4746 (Vivo - WhatsApp)

biblioeditora@gmail.com

Expediente

Revista Piúna – Periódico da UBE-MS | Publicação: Bimestral | Idioma: Português Brasil | Endereço Eletrônico: www.revistapiunaubems.blogspot.com | Redação: 55 (67) 99939-4746 Rogério Fernandes Lemes (Editor/Jornalista - MTB 1588/MS) | 55 (67) 99981-7034 | Walesca de Araújo Cassundé (Diretora de Cultura da UBE-MS) | Revisão Textual: Raquel Medina | Departamento Editorial: revistapiunaubems@gmail.com | Projeto Gráfico: Biblio Editora.

Conselho Editorial



Sylvia Odinei Cesco da Silva é formada em Letras, Pedagogia e Psicopedagogia; Especialização em Língua e Literatura Portuguesa. Premiada em diversos Concursos de Poesias. Publicou: “Guavira Virou”; “Mulher do Mato”; “Sinhá Rendeira”; “Ave Marias Cheias de Raça”; “Histórias de Dona Menina”; e “três poetas uma via: aldravias”. Participou de diversas Antologias. Escreve sobre Literatura no Jornal “O Estado de MS”. Atual Presidente da União Brasileira de Escritores gestão 2020-2022.



Rogério Fernandes Lemes é um autor brasileiro com seis livros publicados; editor e organizador das antologias Criticartes; Mato Grosso do Sul 40 anos; Natal com Poesia; 50 Vozes Poéticas do Brasil; e, Poemas de Quarentena. Natural de Amambai, MS; recebeu o título de Cidadão Douradense em 2019. Presidente-fundador da Academia Amambaiense de Letras; atual Vice-presidente da UBE/MS (2020/2022). Editor e criador do Jornal daBiblio, um periódico literário nacional, mensal e gratuito.



Walesca de Araújo Cassundé (Walesca Cassundé) é criminalista por vocação e humanista por excelência – faz poesia como uma espécie de catarse, para libertação física e purgação espiritual. “Confissões Essenciais – poemas”, Centro Gráfico Ruy Barbosa, 2016 é seu único livro autoral. É colaboradora assídua da Revista Literária Pixé, publicada em Cuiabá/MT. Participou de diversas antologias. Seu poema “A noiva morena do cerrado” classificou-se em 3º lugar no Concurso da Noite Nacional da Poesia, em 2019.



Entre períodos mais e menos produtivos Cassio Rodrigues escreve poesias desde a adolescência. Com a popularização dos blogs e das redes sociais começou a publicar seus trabalhos na internet, utilizando a rede para divulgar sua poesia e verificar as reações que elas causavam nos leitores. A partir destas impressões – e até de grandes poetas brasileiros alcançados pelo seu trabalho – Cassio atestou a qualidade literária de seus poemas, resolvendo publicar seu primeiro livro em e-book.



Rosemari Gindri, professora, psicóloga e escritora. Nascida em Santiago/RS e residente no estado desde 1975. Tem 10 livros publicados sendo um voltado para Psicologia, 3 romances, 3 para adolescentes e 3 livros infantis. Participação com contos em diversas Antologias, sendo uma delas em homenagem a Campo Grande/MS. Teve seus livros expostos no Salão do Livro de Nova York. Membro da UBE e da Academia Feminina de MS (AFLAMS), com a cadeira 07.



Raquel Medina Dias é natural da pequena grande Miranda/MS, atualmente reside em Campo Grande, MS. Mestre em Letras pela UFMS. É poeta e professora. Possui textos publicados em antologias, revista eletrônica e jornais impressos e eletrônicos. Informação importante: Alma de Dom Quixote no reino de Sancho Pança. Isso é quase tudo.



Foto: Roberto Figa.

**Sylvia
Cesco**
*Presidente da
UBE/MS*

Por que Piúna?

Foi bem assim, desse jeitinho: aprovada por unanimidade a criação de uma Revista digital da UBE/MS, previamente proposta pela Diretoria recém-empossada, era preciso dar-lhe um título. Algo sugestivo, singelo, sem rebuscamento, e que estivesse relacionado à terra sul-mato-grossense. Solicitamos aos associados algumas sugestões. No final, restaram três nomes: Seriema, Monjolo e Piúna, todos eles cumprindo os critérios anteriormente citados. Nestes céleres tempos que estamos vivendo, os signos linguísticos vêm a eles se adequando, ficando cada vez mais reducionistas, metonômicos e libertários. Assim, de modo natural, dentre os três foi escolhido o nome Piúna, sugestão da poeta Raquel Medina, nossa associada. Disse-nos ela que a palavra lhe foi lembrada pelo pai, humilde trabalhador braçal em terras pantaneiras, que passou cerca de 40 anos construindo cercas, pontes e porteiras, e seus descansos eram sob a sombra dessas árvores, também conhecidas como piúvas ou ipês-roxos, que cobriam o chão de flores. Estas árvores também florescem nas regiões do cerrado. O Centro Nacional de Conservação da Flora nos ensinam ainda que: “Seus frutos podem ser consumidos in natura ou sob a forma de sucos e geleias. São madeiras de lei e não devem faltar em projetos de revegetação permanente.” E o mais importante: Essa árvore não corre risco de extinção. A palavra Piúna, pois, carrega em si uma bela metalinguagem para indicar o ideal democrático que embasa esta Revista da UBE, toda diagramada pelo nosso atual Vice-presidente Rogério Fernandes Lemes. Com a palavra, a autora da sugestão do nome, poeta sul-mato-grossense, Raquel Medina:

Piúna

Raquel Medina

*piúna! piúna!
o lilás da sua pluma
arvoreceu no meu quintal
memórias de ninhos e flores tatuados
no chão da paisagem do meu velho
o meu velho pantanal
ancião deste cerrado.*

*além do tempo cidade,
lá no coração do mato,
piúnas estendem além-cores
casca e flores
curam-dores
do corpo da gente
que aprendeu árvore ser
e florescer nos pantanais
lonjura de qualquer cidade.*

*toda gente deveria
sete vezes ao dia
poder árvore ser
sublimar cimentos
isso fazem os passarinhos
por isso voam nos aléns
do azul de pedras
que a cidade inventa
nas árvores sem ninhos.*

*o velho pantaneiro,
de suor e lembranças a escorrer pelo rosto
à flor da pele - pontes, porteiras e outros caminhos
vergões, verões e primaveras
à flor da árvore
arvoreceu ninhos na voz
e passarinhos nas esperas
esticando lunas
à sombra de Piúnas.*

*árvore ser
é olhar de passarinho
espera de luas além do céu que a gente respira
além-cidade e becos
sentir a terra à flor da árvore
ver à flor da pele
desde o vento do cerrado,
aos corixos do pantanal,
nossa extensão
e nosso ancião,*

*a cidade,
feitura de chão
agasalhada de concreto e asfalto
tem necessidade de florir pela terra,
à flor da pele pluma
útero de chão
na insistência das flores
respira
quando a raiz explode o cimento
a cidade ganha poema
árvore e palavra
Piúna
alivia concretos no coração.*

Marcas

por **Angela Colognesi**

Já não há mais o que falar
Nossos corpos aquecidos se encontram nas batidas do coração
Os olhos falam, as mãos afagam,
O calor aquece a alma e enlouquece a razão.

Fácil nunca foi superar traumas vividos que nos impedem de estar
Estar dispostos a nos doar e querer em ninho se transformar
Sim, lugar onde possamos nos aninhar
Sem dor, sem medo, sem receio ao amor se entregar

Somos de meia idade, amor maduro assim dirás
Não é bem assim, calma, muita calma
Não sabemos nos reprogramar
As dores são tantas que não sabemos explicar.

Não é diferente do que muitos sentiram
A vida segue seu curso
Sim, seu curso, desviando, recriando
Ressignificando, mas as marcas, ah!
Essas são marcas eternas que não conseguimos apagar.



Angela Cristina Colognesi dos Reis é formada em Educação Artística Habilitação em Música (UFPA); Pós-Graduada em Arte e Cultura Regional pela Faculdade Novoeste; Membro da AFLAMS (Academia Feminina de Letras e Arte do Mato Grosso do Sul cadeira nº 28); Membro da Comissão Sul-Mato-Grossense de Folclore; Membro da Organização Internacional de Folclore e Artes Populares secção Brasil (IOV).

Gente com cheiro de mato e alma de estrela

por **Claudia Finotti**

Sou gente com cheiro de mato
E muito pelo de gato
Pela roupa toda

Sou quintal com pés de frutas
Carregados e
Passarinhos cantando soltos

Sou cheiro de terra molhada
E sol compriiiiido
No entardecer

Sou chão e pés descalços
Sou céu e sou chuva
Mergulhos em lagoas azuis
Sem nenhuma roupa
Para me esconder

“Sou coisas antigas
E outras ainda não inventadas
Sou o ar dentro dos pulmões”

Sou de um amor do passado
Que hoje é presente
E se Deus quiser
Será para sempre

Sou telas de tintas na parede
Desenhos em grafites
E carvão

Sou mosaico em
cimento queimado
Sou colcha de retalhos
E porta-retratos feitos à mão

Sou bossa nova
Jazz piano e
Violão

Sou infinitos carregados
De estrelas
Noite de lua e
Fogueira acesa no chão

Sou Clarice Lispector
Jane Austen
Simone de Beauvoir
E livros sempre à mão

Sou carne e espírito
Pensamento e emoção

Colho alguns tomates
Maduros no quintal
E acho que posso
Salvar o mundo,
Ou não!



Claudia Regina Finotti Vieira Pontes nasceu em Campo Grande MS, é graduada em Psicologia pela UCDB. Especializou-se em Psicologia Comportamental Cognitiva pela FMU. É Membro da União Brasileira de Escritores e está como Suplente do Conselho Fiscal da UBE/MS, gestão 2020-2022. Tem contos, crônicas e poesias publicadas em várias antologias, revistas e jornais de literatura, já no prelo, as obras: *Inquietações de uma Alma Aprendiz* (poemas); *Fiando Palavras e Tecendo o Tempo* (Contos e Fabulas); *À flor da pele* (crônica).

Metodologias Ativas: compreensão e práticas pedagógico-educacionais no Ensino Superior Contemporâneo Brasileiro

por Fábio Pereira do Vale Machado¹

RESUMO: Este artigo traz como tenho discernido – epistemologicamente – a questão educacional brasileira, sobretudo, em consonância aos vários professores, investigadores e teóricos o processo transeunte dos métodos-pedagógico-educacionais aplicados no Brasil. Por lecionar majoritariamente nos seguimentos de ensino brasileiro, tenho sistematizado a desenvoltura cíclica que se tem tomado por vias acadêmico-pedagógicas, principalmente no que circunda o plural-eixo-educacional do ensino superior brasileiro. A divisão histórica educacional-brasileira circunda por um método tido como tradicional e outro fator sine qua non prático-contemporâneo reordenando a perspectiva metodológica o que tange a esfera do ensino. As metodologias ativas – método aderido no mundo hodiernamente – tem servido como base epistêmico-outra para um novo olhar pedagógico. Nesta discussão que proponho ao modus operandi epistemológico, reflito sobre uma leitura discutível do meu experienciar docente na Faculdade Insted, cujo eixo-educacional e acadêmico da referida instituição, grassam nessa prática metodológico-ativa. Ao tecer essas reflexões utilizo o meu eu-epistêmico como pesquisador

aliançado nos referidos contribuintes da educação: Amparo March, Antoni Perez-Poch, Daniela Gil, David Castejón, Edgar César Nolasco, Enrique Dussel, Neusi Berbel, Paulo Freire e Walter Mignolo. Como sujeito-pesquisador retratarei o meu biolocus no ensino superior para assim, ou por isso mesmo, apresentar descolonialmente o cenário metodológico-ativo que tenho experienciado em caráter científico nessa compreensão em constructo prático-epistêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior; Metodologias Ativas; Epistemologia descolonial; Faculdade Insted.

RESUMEN: Este artículo trae, como tengo discernido, epistemológicamente, la cuestión educativa brasileña, sobre todo, en línea con los diversos maestros, investigadores y teóricos, el proceso transitorio de los métodos pedagógico-educativos aplicados en Brasil. Por enseñar mayoritariamente en los segmentos de la educación brasileña, tengo sistematizado el desarrollo cíclico que se ha llevado a través de formas académicas-pedagógicas, principalmente en lo que rodea al plural-eje-educativo de la educación superior brasileña. La división histórica educativo-brasileña se rodea de un método considerado tradicional y otro factor sine qua non práctico-contemporáneo reordenando la perspectiva metodológica con respecto a la esfera de la enseñanza. Las metodologías activas, – un método adherido en el mundo de hoy –, han servido

¹ Professor do ensino regular, superior e pós-graduação especialista em: Docência no Ensino Superior; Educação Especial - TGD Altas Habilidades/Superdotação e Neuropsicopedagogia. Mestre pela UEMS. Membro da UBE-MS desde 2017 é Doutorando e pesquisador pela UFMS, investiga crítica biográfica fronteira, América Latina e epistemologias do Sul é também poeta e romancista autor de 2 livros. Em seu doutorado Fábio do Vale é orientado pelo escritor, crítico e professor Dr. Edgar César Nolasco UFMS.

como uma base epistêmica-outra para uma nova mirada pedagógica. En esta discusión que propongo al modus operandi epistemológico, reflexiono sobre una lectura discutible de mi experiencia docente en la Facultad Insted, cuyo eje-educativo y académico de la institución referida, se reflejan en esta práctica metodológica-activa. Al hablar de estas reflexiones, utilizo mi yo-epistémico como investigador aliado con los contribuyentes de la educación: Amparo March, Antoni Perez-Poch, Daniela Gil, David Castejón, Edgar César Nolasco, Enrique Dussel, Neusi Berbel, Paulo Freire y Walter Mignolo. Como investigador-sujeto, retrataré mi enfoque del biolocus en la educación superior para que, o por esa razón, pueda presentar decolonialmente el escenario metodológico-activo que tengo experimentado de manera científica en esta comprensión en una construcción práctica-epistémica.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza Superior; Metodologías Activas; Epistemología Descolonial; Facultad Insted.

ABSTRACT: This article presents how I have understood – epistemologically – Brazilian education issue, especially, in line to many teachers, researchers e theorists the methods-pedagogic-educational passerby process in Brazil. For being taught mostly in Brazilian educational system, I have systematized the cyclical resourcefulness that has been taken through academic-pedagogical ways mainly when it concerns the plural-educational-axis of university education in Brazil. The Brazilian-educational historic division encircled by a method considered as traditional and another factor sine qua non contemporary-practical reordering the methodological perspective which considers learning sphere. The active methodologies – method added to the world at present – has been for epistemic basis another for a new pedagogical view. In this discussion which I propose the epistemological modus operandi, I reflect on a debatable reading of my teacher experience at Insted College, in which educational and academic axis of it rages in this active-methodology practice. While during these reflections I use my epistemic me as researcher allied to the already referred education contributors: Amparo March, Antoni Perez-Poch, Daniela Gil, Edgar César Nolasco, Enrique Dussel, Neusi Berbel, Paulo Freire e Walter Mignolo. As researcher-subject I will portray my biolocus in the university education to thereby, or for that very reason, present the decolonial active-methodological scenario that I have been experienced scientifically in this reflection in construct epistemic-practice.

KEYWORDS: University Education; Active Methodologies; Decolonial Epistemology; Insted College.

1 – A Epistemologia na Contemporaneidade

Tenho dito que a brasilidade em sua vastidão histórico-brasileira tem sido consonante à ideia vanguardista-contemporânea, ou seja, bastante oscilatória em suas faces. Pensar² e refletir – epistemologicamente – alude ao professor-pesquisador³ à concepção de que para se analisar e, também, discutir instauradas propostas é bastante coeso quando se parte do ponto epistêmico do biolocus⁴ ao qual muito me apraz em explicá-lo. Por essa visada epistêmica, o que se regulamenta em uma pesquisa científico-acadêmica no processo de reflexão se qualifica como biolocus, onde o sujeito-pesquisador investiga nos entrecos: lugar de onde, além de viver, pensar e escrever. Nessa tríade do locus = lugar + bios = viver e a escrita, o biolocus dessa discussão que venho pré-dispondo se vale do cenário do ensino superior⁵ quando ainda me refiro à proposta prática da linha educacional⁶ das metodologias ativas.⁷

Discutir a linha epistemológica na contemporaneidade é justamente qualificar o biolocus de quem manifesta uma discussão teórica. Como esse processo se desenvolve? Para que a criticidade e sua valia redundem em contribuição científica o sujeito-epistêmico deve reconhecer o seu biolocus, logo, pensar do lugar em que se está que se vive e que produz. Nessa concepção epistêmica, para falar dos arroios supracitados, elegi a Faculdade Insted como meu biolocus, ou seja, lá compareço (locus), vivo (bios), e penso, assim, recolho-me a essa constância para dizer que – contemporaneamente – pensar e qualificar uma pesquisa epistemologicamente é mister que se (re)veja o ponto de partida como tem feito Nolasco:

Dando um salto na discussão que proponho, lembro apenas que o primeiro passo dado em direção a uma gramática da fronteira (“descolonialidad” para Mignolo) seria “aprender a desaprender, para poder así re-aprender.” Nessa direção, pensar numa gramática expositiva do ensino decolonial faz todo sentido. Mas depois volto a isso.⁸

Para justificar – epistemologicamente – esse rito de aprender a desaprender para poder reaprender, devo esclarecer o porquê da instrutiva de decolonialidade ou decolonialidade refletindo a proposta de que se trata

2 PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 39.

3 BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 36.

4 NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 12.

5 GIL. A concepção de educação, p. 40.

6 GIL. A concepção de educação, p. 22.

7 PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 14.

8 NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 11.

9 MIGNOLO. Desobediencia epistémica, p. 10.

de uma questão de escolha – opção¹⁰ –, nessa visada epistêmica, discutir a proposta de metodologias ativas¹¹ perpassa obrigatoriamente por essa concepção. O que seria pensar decolonialmente? Pelos teóricos que embasam na pesquisa acadêmica, pensar decolonialmente¹² qualifica o sujeito a não eleger os valores da modernidade¹³ como únicos, ou seja, entender que a modernidade acadêmica trouxe-nos muitos contributivos, contudo, a visão eurocêntrica apresentava essa tomada moderna como única fonte referencial.

Quando pretendemos olhar além, depois do pré-estabelecido, necessitamos dessa opção decolonial, para que, dessa forma possamos aplicar – apreciar e desenvolver – genuinamente as metodologias ativas em um cenário paralelo ao tradicionalismo posto convencionalmente. Ainda nesse manifesto, considero a prática de metodologia ativa¹⁴ para o ensino superior¹⁵ – dentro da contemporaneidade – o mais amplo campo epistêmico-acadêmico que discorre mais acerca deste eixo-metodológico. Considerando esse valor de desobediência epistêmica,¹⁶ afasto-me do tradicionalismo catedrático (moderno-educacional) para responder decolonialmente ao que me aprouver quanto à temática de metodologias ativas.¹⁷ Nessa órbita acrescento:

As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor. Quando acatadas e analisadas as contribuições dos alunos, valorizando-as, são estimulados os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos, entre outras. Com a intenção de fazer a aproximação entre estes estudos voltados para a promoção da autonomia do aluno e o potencial da área pedagógica na mesma direção, trazemos a seguir alguns aspectos relacionados e algumas características das Metodologias Ativas.¹⁸

Reforço aqui por concisa prática decolonial-epistêmica de que esses “despertares”, me/nos induzem à perspectiva decolonial. Aqui um breve adendo, ambas as nomenclaturas são aceitas na crítica-epistêmica: decolonialidade e decolonialidade.

Assim, pensar na contemporaneidade é fazermos o pensar-laboral-epistêmico da descolonização moderna cuja proposta amplia – não descartando os valores modernos – mas (re)qualifica o nosso eu-epistêmico para que saibamos valorar a possibilidade outra, o pensar outro, o *modus operandi* outro. Essa conquista contemporânea amoderna demonstra o quão valioso tem sido os estudos nessa verve prática das metodologias ativas. Noutro e contribuinte olhar temos:

El aspecto fundamental de las metodologías activas es el papel protagonista del alumno/a y su interacción con el resto de compañeros a través del diálogo. La interacción y el diálogo tienen una gran importancia en la formación de significados, siendo una tendencia que, cada vez más, se está observando en la actualidad en los diferentes contextos sociales y educativos (Flecha, Gómez, Puiguet: 2001). El aprendizaje basado en las capacidades comunicativas favorece la ayuda entre iguales, la participación, la reflexión y la argumentación. El alumno/a va a construir el conocimiento a partir de unas pautas, actividades o escenarios diseñados por el profesor.¹⁹

Como posso assinalar assertivamente, as fundamentais ações das metodologias ativas²⁰ inerentes ao processo de ensino-aprendizagem reordena – principalmente – o estudante acadêmico do ensino superior.²¹ Esse processo passa a ser enaltecido na problemática universitária uma vez que as práticas dialogadas por Castejón qualificam com maior assiduidade o educando quando mais maduro – epistemologicamente falando –, isso porque o acadêmico universitário – por maior indumentária psicológica – passa a reconhecer, potencializar e sistematizar essa proposta contemporânea de metodologia ativa.²²

Se meu biolocus na Faculdade Insted é experienciado em todas as graduações com a disciplina regular de CPP – Competências Pessoais e Profissionais, afirmo que minha amplitude epistêmico-decolonial permitiu-me²³ reconhecer meu papel docente na educação superior²⁴ acendrado nessas convalidações preditas de libertação da modernidade convencional. Ladeado dos meus coordenadores e diretores dessa mesma instituição, entendo que a proposta de metodologias ativas²⁵ cumpre – nesses vieses contemporâneos – a valorosa missão cultural-acadêmica como melhor

10 MIGNOLO. Desobediencia epistêmica, p. 12.

11 PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 15.

12 MIGNOLO. Desobediencia epistêmica, p. 20.

13 MIGNOLO. Desobediencia epistêmica, p. 12.

14 BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 25.

15 GIL. A concepção de educação, p. 42.

16 MIGNOLO. Desobediencia epistêmica, p. 11.

17 PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 20.

18 BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 28.

19 CASTEJÓN. Proyecto de Innovación IES Gúdar-Javalambre, p. 112.

20 BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 29.

21 GIL. A concepção de educação, p. 58.

22 MARCH. Metodologías activas para la formación de competencias, p. 44.

23 MARCH. Metodologías activas para la formación de competencias, p. 37.

24 FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 13.

25 PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 15.

sugestão a ser seguida nesse palco notório do ensino superior.²⁶

Convivendo e vivenciando a totalidade das graduações (cursos) no Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano (Faculdade Insted), por cumprir o papel transeunte-docente em todas as graduações, percebo não apenas pela desenvoltura do meu trabalho-pedagógico, mas também a dinâmica desenvolvida pelos demais professores da instituição. A aplicabilidade metodológico-ativa – refletida na condição aluno-professor –, nesse eixo de faculdade claro, acadêmico-professor, apresenta a necessidade do desmembramento da modernidade para uma libertação²⁷ ao foco do nascimento de outro indivíduo livre para crítica sem modulares rótulos. Freire qualifica esse novo homem:

A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se.²⁸

Ao propor esse diálogo com nossos acadêmicos inseridos nesse processo de metodologias ativas,²⁹ ativo aqui a libertação freiriana. Aqui reflito que a liberdade em questão para que o fazer-pedagógico do professor, jamais seja impositivo, (opressor) para que o nosso acadêmico não seja condicionado a único e exclusivo modo de pensar e desenvolver a sua criticidade (como oprimido), mas sim liberto para angariar – pelas mãos dos docentes da instituição – suplementos sólido-teóricos e práticos, para melhor desenvoltura da sua atividade profissional externa. Para essa construção epistêmico-pedagógica a instituição em diálogo fomenta que o acadêmico³⁰ reconheça seu lócus (lugar), bios (vida), para pensar a partir do seu biolócus,³¹ logo, pensando (em hipotética análise) pedagogia, vivenciando a pedagogia ele produzirá com solidez pela voz do eu-epistêmico-genuíno-pedagogo e não por um trivial achismo.

Essa leitura se dá pelo manifesto desses acadêmicos por cendrados estarem em desenvolturas-sócio-interativas edificadas pela política educacional de metodologias ativas³² em sua dinâmica aplicada. Nossos acadêmicos cumprem o papel de que o prota-

gonismo emana quase que por unanimidade a condição de uma prática não apenas condicionada pelo fator de ouvinte, mas sim, mesmo que ainda um transeunte-acadêmico, com postural valorado em suas contribuições interacionistas cujo papel meu/nosso de professores, passa – genuinamente – a ser uma responsiva e sólida ponte para que eles se sobressaíam em seus processos de aquisição para posteriormente, pelas práticas vivenciadas, ativarem seus papéis cívico-profissionais. Nessa perspectiva Castejón ressalta:

Por lo tanto, ¿por qué utilizar metodologías activas? Este tipo de metodologías nos permite conseguir que nuestros alumnos/as se conviertan en responsables de su propio aprendizaje, que desarrollen habilidades de búsqueda, selección, análisis y evaluación de la información, que interactúen con los compañeros intercambiando experiencias y opiniones, y que desarrollen procesos de metacognición (procesos de reflexión sobre qué hace, cómo lo hace y qué resultados logra, proponiendo acciones concretas para su mejora). Además de ello las metodologías activas permitirán el desarrollo la autonomía, el pensamiento crítico, actitudes colaborativas y capacidad de autoevaluación.³³

Em se tratando de fortalecimento epistêmico-pedagógico, Castejón transfere parcial responsabilidade do processo de aprendizagem para o acadêmico. Essa ação – comum nas práticas de metodologias ativas – valora a oportunidade de libertação³⁴ em que o acadêmico possui considerado espaço para administrar – cronologicamente – sua relação de conhecimento e responsabilidades profissional e humana. Nesses meandros o Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano (Faculdade Insted), auxilia para que se potencialize o biolócus de cada acadêmico para a posteriori desse feito, haja profícuo encontro de onde se pensa de onde se vive e de onde se produz, logo, esse acadêmico responderá – cientificamente – ao que se deva manifestar, interpretando sim com suas sensibilidades, porém agindo de modo ativo e científico defronte àquilo de que lhe fora solicitado ou circunstanciado.

2 – A voz Epistemológica a partir do Biolócus

No Brasil ainda se vê rotineiras bandeiras tradicionais na educação. As metodologias ativas – pela decolonialidade – proporciona ao entrecho acadêmico-epistêmico esse olhar outro, esse aprender a desaprender para reaprender.³⁵ Aqui posto o que considero valioso da modernidade, entendo e concordo o fato de que pela educação tudo se transforma. Para que

²⁶ GIL. A concepção de educação, p. 63.

²⁷ DUSSEL. Transmodernidade e interculturalidade, p. 51.

²⁸ FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 19.

²⁹ BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 32.

³⁰ GIL. A concepção de educação, p. 73.

³¹ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 15.

³² PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 25.

³³ CASTEJÓN. Proyecto de Innovación IES Gúdar-Javalambre, p. 112.

³⁴ DUSSEL. Transmodernidade e interculturalidade, p. 51.

³⁵ NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 21.

o pensamento decolonial seja desenvolto com total e arqueável notoriedade, valho-me do coeso recorte do que venho debatendo agregando a colocação de Gil:

Para dar suporte às mudanças na prática docente da Educação Superior, as pesquisas aparecem como grande alternativa, permitindo distanciar-se da restrição que a racionalidade técnica nos impõe. Conforme Cunha (2005a, p. 5), apesar de estudos na área que visam revisitar e discutir “a profissionalidade docente no sentido da autonomia e da reflexão, os mecanismos oficiais que avaliam o que chamam de competência profissional centram-se, fundamentalmente, na racionalidade técnica”. Além de subsidiar transformações, as pesquisas “serviram de inspiração para as bases de uma nova didática da educação superior, articulando o campo da pedagogia com a especificidade da área de conhecimento do professor universitário” (CUNHA, 2007, p. 19). Nessa direção, “a pedagogia universitária se faz em diálogo. Este envolve o conhecimento específico e o conhecimento pedagógico, num exercício interpessoal que requer respeito e humildade” (CUNHA, 2007, p. 19).³⁶

Gil reforça o quão é necessário o afastamento do que está posto pela técnica convencional (modernidade) para se pensar noutras propostas. Nesses vieses epistêmicos, o percurso do debate que levo agora parte acerca da necessidade do biolocus acadêmico³⁷ estar ativado, fazendo com que se compreenda que qualquer processo pedagógico-educacional catedrático, engessaria a possibilidade do pensamento epistêmico decolonial-contemporâneo, cuja proposta se vale da conquista de espaço³⁸ (lôcus) e da visada dos saberes outros³⁹ e após a conquista desse espaço, uma proposta nova, um olhar novo ao que se atém em discussão.⁴⁰

O que versa parte do esclarecimento do debate⁴¹ epistemológico⁴² que proponho está na concentração da nomenclatura que, no manual-etimológico, auxilia na compreensão⁴³ do que venho discutindo nesses meandros. Por exemplo, analiso aqui a palavra “metodologia”, aqui independentemente o número: singular ou plural, uma vez que falo da origem (etimologia) da palavra. Vamos lá!

O radical método do Latim “METHODUS” significa: “maneira de ir ou de ensinar”, e na perspicua

teorização⁴⁴ do Grego, “METHODOS” significa: “investigação científica, modo de perguntar”. Em desfecho-analítico da palavra metodologia, o afixo (aqui sufixal) “logia”, do Grego lógos + ia, significa: “tratado, estudo, teoria”. Agora proponho que façamos a análise da palavra “ativa”. Do Latim “ACTIVUS”, de “ACTUS”, significa: “algo feito” que é o participio passado de “AGERE”, que também significa: “agir, realizar, fazer, colocar em movimento”.

Ao considerar importante a análise etimológica das palavras: “metodologia” e “ativa” entendo que aqui – em se tratando de tornar o nosso diálogo-científico mais entendível – justifico o valor da origem das palavras pré-ensaiadas – com o campo decolonial do sujeito-epistêmico – que cientificamente, venho discutindo. Quando a Faculdade Insted propõe categorizar sua política-educacional dentro das metodologias ativas⁴⁵ posso traduzir, ao passo do que venho discernindo, que o ideia se instaura em: por métodos estudantis deve-se (caminhos pedagógicos de teorização, investigação e prática), colocar em ação/movimento a materialização do que se invocou/provocou pela teoria. Após a provocação orientada-epistêmica os acadêmicos colocam em prática (culminância) aquilo que por vezes ensaiaram (pedagogicamente) ser real.

Por isso aqui, a você que tem discernido esse espaço epistêmico comigo, devo dizer que o fito do que se ancora na política pedagógico-institucional-acadêmica da Faculdade Insted (cientificamente – epistemologicamente – apreciado e comprovado) está diretamente ligado à convalidação contemporânea-decolonial. Ao propor que os acadêmicos – embasados na face dialogal-teórica dos professores – em tom experiencial, decodifiquem para depois executar suas práticas. O eixo-pedagógico aqui se insere nessa leitura de métodos ativos na fórmula epistemológica exclusiva da Faculdade Insted que-cá-proponho: experienciar a realidade com os mestres e colegas + protagonizar-epistemologicamente + profissional libertador/inovador = sucesso cívico-moral-profissional-cidadão no mercado de trabalho brasileiro.

A pesquisa transitiva que apresento neste artigo começou no pretérito ano de 2019 quando cheguei à Faculdade Insted como professor do quadro de docente regular. Na época, antevendo as qualificadas formações que teríamos, incentivado pela direção⁴⁶ pedagógica e também direção acadêmica, habilmente comecei então a pesquisar (importante conceituar) – cientificamente, ou seja, epistemologicamente – algo que pudesse acrescer à debutante instituição que nasceu no Estado de Mato Grosso do Sul pioneiramente com a modalidade de metodologias ativas⁴⁷ (47).

³⁶ GIL. A concepção de educação, p. 75.

³⁷ PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 22.

³⁸ NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 18.

³⁹ NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 15.

⁴⁰ FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 65.

⁴¹ GIL. A concepção de educação, p. 13.

⁴² NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 18.

⁴³ FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 59.

⁴⁴ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 20.

⁴⁵ PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 49.

⁴⁶ FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 62.

⁴⁷ PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 50.

A pesquisa⁴⁸ se deu também por regular apoio e discussão com a diretora pedagógica da Instituição Daniela Gil, pesquisadora e professora no eixo-metodológico-ativo, (teorizada em contributiva neste artigo). Minha pesquisa – epistemológica – se materializou com o propósito de justificar as práticas-pedagógicas da instituição bem como ajudar a eleger de uma linha científica (epistêmica) para sustentar a tônica da proposta do que já se estava colocando em prática pelas metodologias ativas.

Concatenado à minha carreira profissional e epistêmica, desenvolvi – primariamente – a apreciação dos possíveis métodos da instituição para discernir as ensejadas pedagógicas que agregariam às minhas atividades corrente-desenvolvidas. Percebi ao passo que íamos – num constructo pedagógico – desenvolvendo as aulas e as formações que o valor político-pedagógico da nossa instituição não seria apenas inovador no Estado de Mato Grosso do Sul, mas quiçá no ensino superior contemporâneo brasileiro.

Nesse entrecurso busquei compreender a origem das palavras (metodologias e ativas) para dali, recrutar o discernimento ao qual jamais havia encontrado no eixo-superior-acadêmico aplicado no Brasil. Valho-me e preciso dizer que há no Brasil,⁴⁹ instituição que carrega politicamente a proposta das metodologias ativas,⁵⁰ mas porque então, percebia que a Faculdade Insted cumpria um papel novo no cenário pedagógico brasileiro de ensino superior?⁵¹ Ao toque discursivo – paulatinamente – explicar-vos-ei. Como professor de graduação letrada (Letras), assim, professor de língua portuguesa, adentrei na instituição com a proposta invitada de aplicar a disciplina regular de CPP – Competências Pessoais e Profissionais.

A ementa que produzimos (eu e a diretora pedagógica da instituição Daniela Gil) trazia as peculiaridades básicas das aplicações linguísticas que faria e também o eixo-pessoal que moldaria minhas discussões. Entendia naquele momento que as portabilidades epistêmicas do meu papel como docente naquela disciplina transcendiam o único feito de lecionar e fortalecer a sintaxe da nossa língua pátria, o vernáculo brasileiro, então comecei a desenvolver – acentuadamente – uma nova pesquisa-epistêmico-pedagógica.

Como já havia cumprido a pesquisa de mestrado, já trabalhava em disciplinas outras a consultiva carreira regular para adentrar no Doutorado. Partindo para aproximação epistêmica no percurso acadêmico do mestrado, em pesquisa íntima-laboral, tinha contado com a cultura pós-colonial que resultava no conceito de descolonização. Então resolvi aprofundar o meu eu-epistêmico nessa linha ultracontemporânea

para talvez encontrar uma justificativa para a aplicabilidade metodológica⁵² que estava desenvolvendo na instituição.

Apreciando as propostas dos partícipes da educação supracitados em meu resumo deste artigo, pude perceber que a forma-maneira de se promover outra, nova, ou distinta proposta político-pedagógica, circundava-se à problemática do desprendimento moderno.⁵³ Caminhei por esses conceitos à medida que ia discernindo as propostas da instituição com a diretora pedagógica Daniela Gil, também coordenadora minha na graduação de pedagogia – curso ao qual eu também lecionava a disciplina regular de CPP – Competências Pessoais e Profissionais.

No tocante acadêmico a lume da discussão que propondo e pela deveras e exaurida pesquisa epistêmica⁵⁴ que venho desenvolvendo, no final daquele mesmo ano (2019), tive a certeza de que não cumpriamos um papel político-pedagógico-contemporâneo já existente no ensino superior⁵⁵ do Brasil.⁵⁶ Como tive essa percepção? Bastaste coerente e comprovável. Os acadêmicos da Faculdade Insted assumiam protagonismos não apenas no ensejo da culminância de trabalhos, mas também no decorrer da aula. Os debates/aulas/ensinamentos não eram feitos/produzidos para os acadêmicos e sim com os acadêmicos, isso realocava o papel metodológico-ativo que vemos no restante do Brasil.

Todo esse processo não acontecia por mera disposição acadêmico-professoral, mas por uma ementa que solidificava essa perspectiva de anseio-pedagógico. Nos encontros de CPP (disciplina de minha responsabilidade) havia uma ímpar colaboração, desde o coleguismo-acadêmico (colegas professores) até as instâncias diretivo-administrativas e pedagógicas, onde a diretora pedagógica, Daniela Gil, e os diretores administrativos: Eva Elise Domingos dos Santos Bumlai (Neca) e Fernando Bumlai assistiam/participavam assiduamente dos encontros (assim prefiro, pois o termo “aula” remete ao tradicionalismo moderno).

Essas participações não eram/são apenas uma visita diretiva, mas totalmente interacionista, em ambos os pontos: direção-professor e direção-acadêmico. Essa questão da relação discente-docente fomenta o encorajamento de que ali, todos partem para um mesmo objetivo metodológico-acadêmico, onde o fator “juntos”, é a ferramenta necessária para esse encorajar e, sobretudo, acreditar. Nesse viés contributivo Berbel enaltece Paulo Freire:

Face a perfis profissionais como esse, as Instituições de Ensino Superior têm lançado

48 BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 28.

49 FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 33.

50 PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 51.

51 GIL. A concepção de educação, p. 63.

52 BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 33.

53 MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 13.

54 NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 18.

55 GIL. A concepção de educação, p. 63.

56 FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 99.

mão do que convencionou-se denominar de Metodologias Ativas. Encontramos em Paulo Freire (1996) uma defesa para as metodologias ativas, com sua afirmação de que na educação de adultos, o que impulsiona a aprendizagem é a superação de desafios, a resolução de problemas e a construção do conhecimento novo a partir de conhecimentos e experiências prévias dos indivíduos.⁵⁷

Por tal sentido, ao experienciar junto com os nossos (alunos)⁵⁸ acadêmicos – o corpo diretivo-pedagógico – tinha a certeza que algo novo/distinto estava nascendo, mesmo que nebuloso como qualquer início,⁵⁹ a certeza que sim, algo distinto político-pedagógico estava provindo. Aqui mais uma vez justifico a necessidade da compreensão do *bios* e do *lócus*,⁶⁰ pois, se sei onde estou, onde vivo e o que produzi, aqui está instaurado o encorajamento prévio para outras novas barreiras a serem vencidas.

Como sempre me pautei do experienciar-epistêmico, continuei a pesquisa até adentrarmos neste ano de 2020 para que angariasse mais pressupostos científicos. Nessa linha comprobatória – pensando descolonialmente – entendia – já estando no Doutorado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, que a epistemologia amoderna enlaçava – sem sombra de dúvidas – integralmente com a proposta político-pedagógica da Faculdade Insted. Por que um pensamento amoderno? Berbel aponta esse tradicionalismo europeu como recorrente no Brasil e parte também para outra visada:

Os alunos é que problematizam a parcela da realidade associada ao foco do estudo, selecionam um dos problemas para estudar e buscam uma resposta ou uma solução para ele. Neste aspecto, cabe ao professor estimular esse novo aprendizado a seus alunos, já que a tradição maior é a de professores apresentarem os problemas para os alunos resolverem. Considera-se a realidade concreta para aprender com ela e para nela intervir, em busca de soluções para seus problemas. Conduzir os alunos a problematizarem aspectos da realidade viva, relacionando-os com temas de estudo é um fato pedagógico inegavelmente mais rico, quando comparado às atividades de estudo de grande parte dos programas escolares, tradicionalmente tratados como temas abstratos e distantes da vida dos estudantes.⁶²

Berbel não apenas alerta para o convencionalismo, mas também expõe a riqueza da metodologia ativa⁶³ frente ao tradicionalismo frequentemente aplicado. Apreciando interpretações pedagógicas⁶⁴ regressei ainda atrás da relação nomenclatura-definição, onde fui apreciar o subtema-acadêmico da instituição: Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano. Precisava saber se coadunado ao que estava nas nomenclaturas de: “metodologias” e “ativas”, haveria alguma sólida relação⁶⁵ com meu/nosso trabalho pedagógico na Faculdade Insted.

Também de origem latina a palavra “instituto” em Latim: *institutus*, significa: “fixado, estabelecido”. A palavra: “Avançado”, particípio do verbo avançar, é de origem catalã: *avansar* que significa: “ir adiante” “adiantado, que vai adiante”. A locução adjetiva “Ensino Superior”, precisa ser compreendida em forma de expressão, do contrário teríamos – se apreciássemos as palavras individualmente – significados diversos.

Então nessa linha investigativa, a locução adjetiva: “Ensino Superior”, (comum a várias instituições) alude à Escola de Platão ou Academia de Platão, fundada aproximadamente 387 anos a.C. considerada a primeira universidade do mundo. O mesmo caso acontece com a expressão: “Desenvolvimento Humano”. Trata-se civicamente do processo de multiplicação das liberdades dos indivíduos, com relação às suas competências⁶⁶ e as oportunidades em que podem delas gozar/usufruir. Essas medidas consolidam a perspectiva desse indivíduo e aquilo que ele almeja conquistar.

Assim, por essa camada epistemológica,⁶⁷ compreendi que a disseminação político-pedagógica dava-me um espaço (*lócus*) e uma convivência (*bios*) para as partidas pedagógicas que tomava/tomavam. A correlação do experienciar desde o primeiro semestre, concatenado ao valor pedagógico-acadêmico, nutria a leitura de que os seminários integradores (proposta da faculdade para materialização desses: “experienciar e aprender”), mostravam-me – indubitavelmente – pelo meu *biolócus*-epistêmico a certeza de que angariávamos – enquanto instituição – um espaço inovador no ensino superior contemporâneo brasileiro. Essa busca para novas metodologias tem sido desde 2006, apreciada e investigada pela Universidade de Valência na Espanha com a perspectiva de que se deve ter uma “mudança cultural”:

⁵⁷ BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 29.

⁵⁸ BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 29.

⁵⁹ FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 64.

⁶⁰ BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 29.

⁶¹ NOLASCO. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul, p. 25.

⁶² BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 33.

⁶³ PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 69.

⁶⁴ FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 05.

⁶⁵ BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 30.

⁶⁶ MARCH. Metodologías activas para la formación de competencias, p. 39.

⁶⁷ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 14.

⁶⁸ GIL. A concepção de educação, p. 115.

La transición desde un modelo educativo centrado en la enseñanza hacia un modelo centrado en el aprendizaje, supone un gran “cambio cultural” para la Universidad como institución educativa. Entre los pilares fundamentales de dicho cambio se encuentra la llamada “renovación metodológica”. Con esta renovación se pretende evitar el riesgo de realizar un cambio exclusivamente formal, olvidándonos de lo que ocurre en la realidad de las aulas universitarias.⁶⁹

O nosso grande papel epistemológico⁷⁰ é através dessa desobediência quanto à modernidade para promover novos olhares, novas perspectivas, nova cultura para uma libertação⁷¹ político-pedagógica. Aqui já consolidado, percebo que se não cumprimos o tradicionalismo vigente e dogmático eurocêntrico, temos essa nova cortina que se abre pela opção epistemológico-acadêmica.

Compreendo que nas oscilatórias faces da contemporaneidade, entendo que o modo-urgente metodológico-ativo, precisou se ancorar nessa opção amoderna, portanto, descolonial, cuja elaboração teórica circunda a opção de se buscar um olhar novo, um olhar que permita a aproximação de uma face interativo-educacional, assim com as emergências do mundo que carrega a coloração-pedagógica ultratemporânea. Gil convalida essa percepção também fomentada por Paulo Freire de que o tradicionalismo impõe total credibilidade quando assim não o faz, não o cumpre:

Para Freire (2011d), o saber a partir da educação tecnocrática e tradicional, também denominada por ele de concepção bancária de educação, “é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (p. 81), num processo de alienação. Em contraposição a isso, a educação crítica se faz com o/a outro/a e não para o/a outro/a e a ação docente orienta-se “no sentido da humanização de ambos” (p. 86), professor/a e estudante, sem prescrições e domesticação, mas no caminho da promoção, da libertação e da conscientização, em permanente “buscar a ser, com os outros” (p. 89).⁷²

Ora, se estou dizendo que cumpro o papel de educador e pesquisador na contemporaneidade, mas não tenho adotado rotineira (tradicional) proposta em meu campus de trabalho, consigo deferir, portanto, que ao eleger uma perspectiva educacional-extra-moderna é mais do que sabido que todo esse processo se dá por uma questão epistêmica de opção quanto às

desenvolturas e pesquisas do que outrora e futuramente tenho experienciado.

Sem titubear abro foco a esse olhar amoderno para edificação classificativa das faces metodológicos-ativa que tenho conferido à Faculdade Insted, por transitar, em todas as graduações com a reputada e seleta disciplina de CPP – Competências Profissionais e Profissionais. Então o que seria essa desobediência epistêmica? A abertura – o desprendimento dos endossos modernos para um pensamento notoriamente inovador, portanto decolonial. Desobedeço à academia engessada (modernidade-educacional-eurocêntrica) para pensar um processor operatório outro, logo, contemporâneo.

3 – Pensar Descolonialmente: pensamento fronteiro – opção decolonial

Se não penso com o centro, meu pensamento⁷³ é de fronteira. Para teorizar⁷⁴ – descolonialmente meu/nosso debate – vamos a fundo compreender que a proposta política pedagógica da Faculdade Insted em minha análise-epistêmica. Como posto em reflexão ao tradicional, Gil⁷⁵ e Freire⁷⁶ demonstram aversão ao processo de teorização embargado por única e exclusiva modalidade de pensamento, aqui em questão: a modernidade eurocêntrica.

Quando passamos – epistemologicamente – para uma perspectiva de aprender a desaprender para poder reaprender, partimos para um norte que aqui se faz sul – epistêmico-sentido – que valho nessa reflexão. Ao defender a modernidade⁷⁷ como única fonte-consultiva, compreendo que aqui não se trata de uma opção, mas de uma imposição, logo, quando penso descolonialmente, escolho como, de onde e o que pensar, afastando-me do imperador-modo-operante moderno enaltecido na criticidade de Mignolo:

Así que el conocimiento imperial occidental fue moldeado en las lenguas imperiales y fue fundamentado teopolítica y egopolíticamente. Tales fundamentos legitiman los supuestos y proclamas de que el conocimiento está más allá de cuerpos y lugares, y que la teología cristiana y la filosofía secular y la ciencia son los límites trascendentales y espaciales del hacer-conocimiento, límites del que todo el conocimiento anterior carecía: los conceptos de folclore, mito, conocimiento tradicional, se inventaron para legitimar a la epistemología imperial.⁷⁸

Em certeza aguçada em mim, minhas sensibilidades professoral-epistêmicas, das diversas sensibilidades outras então como pudera eu estar preso a um

69 MARCH. Metodologías activas para la formación de competencias, p. 36.

70 MIGNOLO. Desobediencia epistêmica, p. 08.

71 DUSSEL. Transmodernidade e interculturalidade, p. 52.

72 GIL. A concepção de educação, p. 116.

73 NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 15.

74 NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 18.

75 GIL. A concepção de educação, p. 116.

76 FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 11.

77 DUSSEL. Transmodernidade e interculturalidade, p. 57.

78 MIGNOLO. Desobediencia epistêmica, p. 36-37.

processo-analítico-educacional cuja metodologia não circunda qualquer forma de imperialismo-educacional? A resposta⁷⁹ está – em vias indubitáveis – de que meu biolôcus experienciado na Faculdade Insted não me permitiu outro olhar a não ser o pensamento descolonial, o pensamento de fronteira, pois, não penso com e pelo centro, penso pela margem, possuo sensibilidade amoderna, um pensamento-epistêmico cuja ciência⁸⁰ pauta-se na liberdade⁸¹ de escolha e condução-educacional.

Na referida instituição em questão, o meu/nosso-eixo-epistêmico é nutrido pelas metodologias ativas⁸² regadas pela decolonialidade, logo, decolonialidade passa a ser uma opção:

MINHA OPÇÃO é de vida. “Daqui em diante, a opção descolonial não é só uma opção de conhecimento, uma opção acadêmica, um domínio de ‘estudo’, mas uma opção de vida, de pensar e de fazer. Ou seja, de viver e co-viver com quem acha que a opção decolonial é a sua e com quem tem encontrado opções paralelas e complementares à descolonial. MIGNOLO”. “Desafios decoloniais hoje”, p. 31. Quando reconheço que minha opção é de vida (e pela vida), na esteira do que afirma Mignolo na epígrafe, quero entender que essa opção arrola também minha opção crítica, teórica e, sobretudo, epistemológica, desobedecendo, assim, o que precisa ser desobedecido epistemologicamente, e propondo, por conseguinte, um pensamento outro, uma outra coisa que passa necessariamente (politicamente) por meu mapa biográfico.⁸³

Ao toque que proponho conceituar a bandeira epistemológica das metodologias ativas⁽⁸⁴⁾ da Faculdade Insted, reflito que se seguimos um plano amoderno, inovador, fora do campus-tradicionalista-imperial, não me restam dúvidas. Minha escolha aqui – epistemológica – grassa pela incontestável ideia de que o trabalho acadêmico desenvolvido pela instituição circunda pelo eixo/metodológico/contemporâneo, ou seja, ao grafar a contemporaneidade aqui, refiro-me àquele processo cíclico de que toda semana, meus acadêmicos são provocados-pedagogicamente às: intempéries outras, atividades outras, surpresas outras, experiências outras, emoções outras, oscilações outras, propostas outras, qualificações outras, crescimentos outros, sensibilidades outras e amores outros. Amor e afinco ao que se faz.

Com todo esse processo epistêmico, decido que

essa é a minha escolha-acadêmica de vida epistemológica nutrida ao passo dos ventos contemporâneos. Como o dia nasce podendo ou não chover, nossa dinâmica acadêmica assim funciona: chegam eles às aulas com (pré)visões do que terão, mas a certeza acadêmica (sol/chuva/frio/calor) virá ao final daquele encontro-único-pedagógico-noturno ou quem sabe, no desfecho da semana/mês. Essa é a questão da escolha que faço/fazemos na Faculdade Insted. Previsibilidade + experienciar + materialização.

Então qual a necessidade do seminário integrador quando já cumprimos essas relações do “experienciar” nos encontros semanais? Demonstrar aos acadêmicos que recebem público-externos, e a eles mesmos, enquanto seres humanos profissionais que estão se tornando, a leveza do conhecimento decodificado e vivido por eles no espaço (lôcus) de vida-acadêmica na Faculdade Insted, ou seja, um encontro para enunciar o seu biolôcus⁸⁵, na certeza do que se pensa de onde pensa e para que se pensa.⁸⁶

Do modo singular desses acadêmicos e na liberdade⁸⁷ coerente do que se pode pensar e, sobretudo, externar d’outras formas um assunto mesmo. Na disciplina de CPP – Competências Pessoais e Profissionais, tenho me ancorado – em vezes também – na reflexão de Perez-Poch:

Una de estas metodologías activas es el “Aprendizaje Cooperativo”, que fue definido originalmente por Johnson y Johnson (1975, 1987). Aprendizaje Cooperativo es un término genérico usado para referirse a un grupo de procedimientos educativos que salen de la organización de la clase en grupos pequeños, donde los estudiantes trabajan conjuntamente de forma coordinada entre sí, para resolver tareas académicas y profundizar en su propio aprendizaje. Muchos autores, como Felder y Brent (2001), han estudiado diferentes estrategias para implementar estas técnicas de manera efectiva en el aula. Existen numerosos trabajos (Virgós y Perez-Poch, 2002) que han demostrado previamente que esta metodología también se puede aplicar con éxito a grandes grupos en materias introductorias de un programa de estudios de educación superior. Peiró (2005), entre otros autores, ha estudiado la eficacia del aprendizaje cooperativo en entornos de enseñanza semipresencial. Más recientemente, Kirschner, Paas y Kirschner (2009) han descrito cómo las herramientas de aprendizaje colaborativo pueden tener un efecto positivo en el logro de un terreno común entre los equipos multidisciplinares.⁸⁸

⁷⁹ MIGNOLO. Desobediencia epistêmica, p. 37.

⁸⁰ MIGNOLO. Desobediencia epistêmica, p. 23.

⁸¹ DUSSEL. Transmodernidade e interculturalidade, p. 66.

⁸² BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 30.

⁸³ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 14.

⁸⁴ BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 37.

⁸⁵ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 15.

⁸⁶ PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 39.

⁸⁷ MIGNOLO. Desobediencia epistêmica, p. 27.

⁸⁸ PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 14.

Na disciplina regular de CPP – Competências Pessoais e Profissionais, a modalidade do trabalho em grupo é recorrente nos encontros. Como temos e possuímos total liberdade pedagógica, dentro claro, dos processos⁸⁹ legais e facultados que regem o Ministério da Educação⁹⁰, aplico as inseridas práticas de metodologias ativas⁹¹ dentro desse cenário dialogal-epistêmico, onde se pesquisa⁹² junto, se produz junto na plural condição do ouvir, compartilhar,⁹³ apreciar, desenvolver e, sobretudo, materializar. Quando então coloco a culminância do materializar, percebo que estou canalizando a ideia de: concluir ou chegar próximo ao almejado epistemológico e profissionalmente.

Ao pontuar as sensibilidades várias ao que me coloco em retomar aqui, valoro sempre – em total brasilidade-cultural-epistêmica – a desobediência epistêmica⁹⁴ para dizer que (exceto a fé quando se tem) o indivíduo não deve se lançar integralmente ao que se está desenvolvendo. Revelo a questão da brasilidade como ponto de partida, pois, o país que penso, vivo e escrevo é o Brasil.⁹⁵ Nesse diálogo, sugiro que epistemologicamente não devamos nos propositar integralmente, pois há sim, reais chances do inesperado acontecer. Adiciono a esse diálogo epistêmico que estamos fazendo, outra leitura que também muito me apraz tecê-la.

Tivemos, temos e conviveremos com vários problemas/impasses resolvíveis ou não. Aqui como especialista em educação especial – TGD transtornos globais de desenvolvimento – e também como neuropsicopedagogo, tenho afirmando pelo meu sujeito-epistêmico (e crítico-pessoal) que as propostas de metodologias ativas⁹⁶ desenvolvidas por mim carregam esse ponto-reflexivo do lançar-se integralmente.

Parto do pressuposto de que quando nos lançamos – integralmente – os dois pés meus/nossos saem do chão e se logo adiante não nos depararmos com o que almejávamos, estaremos sem amparo e essa prospecção culminará em uma queda que, dependendo da altura que lançado estiver, o indivíduo dela cairá fadidamente e isso o machucará. Tal queda reverberará hematomas/machucados, físico e mental. Por valê-la e dar valor à ciência para seja base para qualquer diálogo e prospecção pessoais e profissionais. Eis o poder sólido e epistemológico da pesquisa.

⁸⁹ MARCH. Metodologías activas para la formación de competencias, p. 53.

⁹⁰ GIL. A concepção de educação, p. 42.

⁹¹ MARCH. Metodologías activas para la formación de competencias, p. 44.

⁹² FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 11.

⁹³ GIL. A concepção de educação, p. 65.

⁹⁴ MIGNOLO. Desobediência epistêmica, p. 32.

⁹⁵ FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 99.

⁹⁶ PEREZ-POCH. Análisis del impacto de metodologías activas, p. 15.

Então me valho em dizer que além do rico endosso de teorização, partamos para um diálogo reflexivo. Lancemo-nos – epistemologicamente – 98% a tudo que formos realizar, cujos outros 2% serão creditados às pontas dos pés e lá frente, caso caíamos, aparar-nos-emos de qualquer queda, ou quiçá derrota dos desafores futuros.

Lecionar com metodologias ativas⁹⁷, envolto aos problemas existenciais do mercado de trabalho e, também, ao eixo-humano-social, qualificará o indivíduo para notório crescimento como temos refletido eu e Berbel:

A aprendizagem baseada em problemas (também conhecida pela sigla PBL, iniciais do termo em inglês Problem Based Learning) é outra modalidade inserida no conjunto das metodologias ativas, foi inicialmente introduzida no Brasil em currículos de Medicina, mas vem sendo experimentada também por outros cursos. Esta alternativa diferencia-se das demais antes apontadas, por constituir-se como o eixo principal do aprendizado técnico/científico numa proposta curricular. Conforme Sakai e Lima (1996), ela se desenvolve com base na resolução de problemas propostos, com a finalidade de que o aluno estude e aprenda determinados conteúdos. Segundo os autores, esta metodologia é formativa à medida que estimula uma atitude ativa do aluno em busca do conhecimento.⁹⁸

Demonstramos que o estímulo é ponto de partida durante e pós-diálogo. Dizer a um ser humano que se pretende falar com ele e que essa conversa deverá ser indiscutivelmente presencial, foi dado a esse indivíduo a busca do conhecimento de assunto, nele será gerado em intensidades distintas: sensibilidade, apreensão e, principalmente curiosidade.

Aqui teorizo-dizendo que esse é um bom caminho que se deve percorrer. Quando sensibilizado o indivíduo for, refletirá sobre e com boas dosagens de estímulo – epistemológico – esse acadêmico encorajar-se-á pela busca do conhecimento.¹⁰⁰ Façamos essa ponderação importante. Por isso tenho insistido que pensar descolonialmente é valer-se da indumentária contemporânea. Pensar de forma amoderna nos qualifica sair do plano básico, engessado e singular do eixo-eurocêntrico. Quando não pensamos via e com o centro, nosso pensamento é periférico, marginal – referente à margem – e também subalterno.

Pensar¹⁰¹ epistemologicamente é algo que se deve medir/mensurar sempre, pois, em campus-

⁹⁷ BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 37.

⁹⁸ BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 32.

⁹⁹ FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 33.

¹⁰⁰ GIL. A concepção de educação, p. 65.

¹⁰¹ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 19.

contemporâneos de reflexões e debates utilizar-se de cultura dogmática ao som da música moderna, não se conseguirá dançar na pista decolonial que estamos discutindo.

Professor Fábio, estaríamos descartando a política-educacional da modernidade? De modo algum. Apenas refletido que na postura-tradicional-educacional moderna, o professor era o protagonista em sala, cujo palco deveras era dele e quem segurava os holofotes eram os alunos. Hoje o professor¹⁰² deve – impreterivelmente – segurar a mão do aluno, para no palco, ensiná-lo como o show pode acontecer. Esse professor¹⁰³ dará ao seu aluno, retrospectivo-epistêmico do que já pode experienciar. Juntos discutirão e quando esses acadêmicos forem experienciar/culminar o que fora discernido é hora desse professor saber que os holofotes por ele será segurado. Eis aqui, a covalência do pensamento contemporâneo-periférico, pois, quando penso da margem, penso algo que não está posto e ordinário.

Decolonialmente a receita para ser professor¹⁰⁴ dentro das perspectivas de metodologias ativas é quando esse professor¹⁰⁵ receber o recado e descobrir que nesses meandros que venho debatendo, ele não está lá na frente nem atrás, mas que sua partícipe função-epistêmico-pedagógica deva ser genuinamente a de uma ponte, dessas internacionais, para que seu acadêmico transite seguramente de lá para cá nas estradas do conhecimento e quando se lembrar do seu professor¹⁰⁶ sentir-se-á seguro para continuar o trânsito epistêmico-cultural.

O pensamento fronteiroço brinda-nos ao não pensamento-moderno e sim à reflexão contemporâneo-decolonial, pois quem pensa da fronteira, não pensa do centro. Essa leitura também é vislumbrada por Nolasco quando valora a questão do depreender-se:

A saída para uma pesquisa assentada num “fazer científico” cuja teorização é descolonial e, por conseguinte, livrar-se dos fantasmas do cientificismo moderno, é aprender a desprender-se das amarras das opções teóricas, estéticas, políticas, conceituais, culturais, filosóficas impostas enquanto “outro” da exterioridade. De acordo com Mignolo, “desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam. Não pode evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer Habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e ressubjetivar-se.”¹² Vamos nos deter na discussão do “desprendimento” enquanto

uma prática, ou opção descolonial, como uma saída estratégica para pensar o “outro” e seu mundo da exterioridade, sem que essa discussão passe, necessariamente, pelo epistemologia moderna. Assim, é possível perceber que arranjos epistemológicos outros podem ser feito no mundo atual, inclusive partindo de dentro da Academia e do modelo como a pesquisa está posta. Desprender-se significa, a princípio, descolonizar (-se), visando mostrar que a descolonialidade é uma “terceira opção” que não consiste em endossar as opções já existentes, como a teoria moderna, ou modo de pesquisa moderno, mas consiste, basicamente, em desprender-se de tais opções.¹⁰⁷

Caminhando para o desfecho desse nosso diálogo epistêmico, depreender-nos-emos da cultura moderna justificará a opção decolonial, onde mais uma vez, regresso à etimologia para apreciar a nomenclatura de uma palavra para finalizar o porquê da minha opção decolonial para classificar o *modus operandi* da Faculdade Insted com a sua aplicabilidade de metodologias ativas.

Aqui, guardo-me dos sólidos moldes eurocêtricos para apreciar a origem, portanto, a etimologia da palavra: “contemporâneo”. Abrindo os olhos-epistêmicos da decolonialidade para que me seja dado coerência do material-final-científico. Trata-se de uma palavra de origem latina: “contemporaneus”, cujo significado qualifica: “que é do mesmo tempo”, “simultâneo ao ato”. Então apresento que o título contemporâneo concatena-se na habilidade ao passo da perspectiva colonial de que, se pensamos diferente ao bojo moderno, precisamos compreender – como está no nome-subtítulo da instituição – o desenvolvimento humano.

Apreciando a palavra “desenvolvimento”, estamos falando de um processo onde o cenário de apreciação não é único e exclusivamente o agora, mas é no “agora” que o pano de fundo das produções acontece, logo, chegamos à matemática-resolvível desse nosso diálogo-epistemológico.

Ora, se pensamos perspectivas outras, à medida que o desenvolvimento humano progride (e dele participamos) temos na Faculdade Insted, nos entrecos da aplicabilidade das metodologias ativas um escoro-epistêmico genuinamente descolonial. Peço vênica para – como pesquisador – aos que apreciam este artigo, dizer que me fiz-pensar tomado pelo meu sujeito-epistêmico para apresentar essa linha epistemológica (decolonial) que se abraçada, poderá – pela teorização – nortear as pesquisas do Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano na alcunha pedagógica: Faculdade Insted, na competência político-educacional de iniciação

¹⁰² GIL. A concepção de educação, p. 69.

¹⁰³ FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 31.

¹⁰⁴ FREIRE. Pedagogia do oprimido, p. 67.

¹⁰⁵ BERBEL. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes, p. 33.

¹⁰⁶ MARCH. Metodologias activas para la formación de competencias, p. 40.

¹⁰⁷ NOLASCO. Descolonizando a pesquisa acadêmica, p. 17-18.

científica uma vez que dentro desse trabalho-epistêmico, vislumbrei uma coerente coluna contemporânea para pesquisas docente e discente que podemos nos alicerçar.

Referências Bibliográficas

BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Seminário, Ciências Sociais e Humanas (Online), v. 32, p. 01-25, 2011.

CASTEJÓN. D. P. **Proyecto de Innovación IES Gúdar-Javalambre**. IES Gúdar-Javalambre. Mora de Rubielos (Teruel) 2014/2015.

DUSSEL, E. **Transmodernidade e Interculturalidade** (Interpretação desde a Filosofia da Libertação). In: FORNET-BETANCOURT, R. (Orgs.) *Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 159-208.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, D. F. V. S. **A concepção de educação e de ensino e aprendizagem dos/das profissionais liberais inseridos/as na atividade docente da educação superior**. UCDB Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande MS, 2013.

MARCH. A. F. **Metodologías activas para la formación de competencias**. Universidad Politécnica de Valencia, Espanha. *Educatio siglo XXI*, 24 · 2006.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Trad. De Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê Literatura, língua e identidade*, n.34, p. 287-324, 2008.

NOLASCO, Edgar Cézár. **Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas**. Acervo do autor. 2019, texto no prelo, p. 1-22.

Por Uma Gramática Pedagógica da Fronteira-Sul. *Cadernos De Estudos Culturais*, V. 1, P. 09-29, 2019.

PEREZ-POCH, Antoni. **Análisis del impacto de metodologías activas en la educación superior**. UPC, Universitat Politècnica de Catalunya, BARCELONATECH. Barcelona, Espanha 2019.



Professor Fábio Pereira do Vale Machado.

Campo Grande

Mato Grosso do Sul

121

Anos

União Brasileira de Escritores
Mato Grosso do Sul

A Campo Grande

Parabéns óh, Campo Grande!
Linda cidade morena;
A mais bela capital
Como a flor da açucena.
Rebrilha tua história
Em paisagem tão serena.

(Rogério Fernandes Lemes)

Imagem: <https://camara.ms.gov.br>

Olhos de papel

por **Ismael Machado**

Janelas sem vidraças, janelas libertas para o céu,
deslumbrantes janelas à íris clara dos estrelados olhos.
Inda que em terra seca, desértica, à vista dos mesmos olhos,
flamingos vão recompondo a paisagem em tons cor-de-rosa,
antes da acinzentada velhice
com os desfolhados olhos e suas cataratas de papel.

Quando jovens, colírios transpareciam aos olhos
os nítidos prazeres, às vezes livres.
Eles costuravam palavras
sob a imensidão do manto azul-celeste.
Eram olhos de esmeralda outrora roubados do Atlântico-Sul.
Ah! Esses olhos adocicados de mel veem além dos polens...

(Do livro Folhas ao vento, 2015, Life)



Ismael Machado poeta e arte-educador, autor dos livros *Folhas de Março* (2006), *Folhas Brasileiras* (2010), *Sonho e Pó* (edições: brasileira/Life, 2013, e portuguesa/Chiado, 2016), *Folhas ao Vento* (2015) e *Quatro Estações*, 2018. Em 2012 participou do Salão do Livro de Paris; em 2016 foi autor convidado da 24ª Bienal Internacional do Livro de SP e em 2019 recebeu o Troféu Castro Alves de Literatura pelo conjunto da sua obra poética. Membro da UBE-MS.

Lobisomem com L

por **James J. Barbosa Flores**

Quando compraram a fazenda vizinha, Jorge nem deu por si, afinal, muita gente estava vendendo as terras e se mudando pra cidade. As fazendas centenárias, herdadas de bisavôs, iam sendo passadas para as mãos de paulistas, paranaenses, até catarinenses, quase todos vindo pra cá virar lavoureiros, sojicultores. Mas ele se manteve firme, tocando suas coisas: gado tucura, cavalo pantaneiro, porco inhato, carneiro merino, galinha índia. Os bugres desaldeados plantavam roça pra eles todos lá nas matas da beira do brejão. Mandioccal, bananal e pomar juntinho da casa. Com seus dois peões de confiança, bugres nascidos na firma, a Fazenda Lajeado. Mirto, o mais novo, quatro ou cinco anos a menos que o patrão, tinha começado a virar lobisomem.

No ano seguinte, chegou pra viver na fazenda vendida, a Figueira, uma mulher bonita, quase bonita demais. Filha do dono das terras, ela era veterinária e amava cavalos. Jorge Barbosa gostou da dona, mas desgostou do gosto dela: era viciada e fanática por cavalo quarto de milha. Contudo, ela sabia conversar muito bem, era inteligente sem ser esnobe, entendia de cavalos, montava bem. A amizade e conversa começaram mais por conta das pastagens, do tipo de solo, regime de chuvas – Judith Schindler averiguava e queria saber tudo. Gostou de cavalgar os pantaneiros, da

pelagem diferente e variegada deles; logo que fez amizade, fazia isso por bem uns cinco finais de semana seguidos. Depois as razões foram outras...

Não cedeu aos apelos e propostas que Jorge lhe fez, mas começou a namorar o peão meio abugrado, o Mirto, filho dum paraguaio galego duma bugra da fazenda quando Jorge ainda era pequeno. Mirto ia vê-la quase toda noite na Fazenda Figueira. Ela vinha aos domingos à Lajeado, confabulava com Jorge, pela manhã, comendo arroz-carreteiro (diferente demais do paranaense) com ovo frito ou bolinho de polvilho escaldado, café coado na flanela. Pedia autorização para cavalgar nas terras, às vezes com quarto de milha; noutras, quando vinha de carro ou a pé - dava pra se ver uma sede da outra -, no pantaneiro baio. Iam ver a gruta, o paredão com pinturas rupestres e a cachoeira com remanso gostoso. Levava o Mirto com ela.

Ainda no verão, Jorge foi bombear os dois na cachoeira, garrou vício de fazer isso aos domingos. Num deles viu o bugre indo nela feito cachorro; noutro em pé, ela escorada num tronco de castelo. Quando demorava um pouco mais, encontrava os dois abraçadinhos dentro d'água ou já estavam estirados na grama depois dos embates amorosos. Então Jorge via o corpo dos dois nuzinhos, Judith

feliz, bela, transpirando e saciada; Mirto ainda afogou, com as mãos na nuca, expondo o ventre lisinho com o instrumento amolecendo - mas informando o tamanho do prazer que dava pra fazendeira. Jorge voltava pra casa mais excitado e enciumado; descontava os dois sentimentos na irmã de Mirto, a Joana, que cuidava da sua roupa, da casa – a mãe deles é que era cozinheira. Bugrinha Joana que, sem o saber, era beneficiada pelo namoro do meio-irmão com a forasteira, nesses domingos foi mais que presenteada.

Mirto não virou lobisomem por algumas luas cheias; talvez por conta do namoro firme, as emoções de ter e desfrutar uma mulher tão vistosa, livre e senhora de si. Numa delas – das noites de lua plena - estava até de visita na casa da namorada. Parecia que seu malefício tinha aquietado. Mas então veio a ocasião - quando os pais dela estavam pra Jardim, nos festejos de 14 de maio -, Judith e Mirto ficaram com a casa só pra eles e foram se amar na cama do quarto dela. Justo na hora do estertor de gozo da terceira engatada, Mirto sente os esgares, os calafrios, as convulsões... e vira lobisomem dentro e em cima da Judith! No gozo da cópula! Ela soltou um berro de pavor e o empurrou, levando a mão para a gaveta do criado-mudo onde possivelmente estava o revólver. Ele correu porta afora deixando roupas, calçado e chapéu na casa. Foi reaparecer alta madrugada, nu e todo lanhado, depois de muito uivar, no galpão da Lajeado. O outro peão estranhou o fato, mas não perguntou nada.

Judith sumiu, alongou, não veio mais. Entretanto, conseguiu esperar apenas algumas semanas, pouco antes dos festejos de São João não se aguentou e foi ter na Fazenda Lajeado. Tudo se ajeitou, ela tava gostando demais do Mirto. Devolveu a roupa, a botina e o chapéu. Pôs-se a conversar com o lindeiro patrão, que confirmou: o homem tinha esse poder, ou sina, ou doença. Mas ninguém é perfeito! O namoro seguiu meio estranho, com menos encontros - quase só os de domingo lá na cachoeira -, mas eram esses mesmos que aqueciam o enroscado do patrão com a Joana.

Em fins setembro, nem tinham voltado às chuvas, o céu estava fumaceado das queima-

das, a lua nascendo vermelhona, Mirto foi de novo pro quarto com ela. Fizeram amor e ele virou lobisomem. Não conseguiu fugir! Judith atirou nos olhos dele. Morreu sem desvirar, sobre a cama. Ela coureou o bicho, com cabeça e tudo. Era um troféu muito bonito: um couro de lobisomem. A lembrança do namorado amante que a deixou ainda mais desconsolada, uma mulher marcada pelo signo da tragédia. Ainda assim não disse “sim” ao Jorge, mas ia quase toda semana, prosear, perguntar e assuntar, tentando se distrair. Um dia, no meio do tereré, os dois conversando, Jorge sugeriu pra Judith: por que você não dá o couro pro Ney Matogrosso? De fato, ele muito cantou que nunca viu rastro de cobra nem couro de lobisomem.



James Jorge Barbosa Flores (Jaminho) é escritor, jornalista e professor. Nasceu oficialmente em Guia Lopes da Laguna, MS, em 08 de janeiro de 1965. Autor de nove livros de contos, entre eles “Punhal enluarado”; “Lá vai a chalana...” e “Guarânicas dizem adeus”, ficções sobre elementos culturais simbólicos e identitários do estado. É membro da UBE-MS.



Seja membro da UBE-MS

Acesse:
www.ubems.org.br/associe-se

Clara visão

por Janet Zimmermann

eu vejo uma luz
em meio à.
em movimento.
uma luz-pêndulo.

eu vejo nela – clara estrela –
uma criança criança
dependurada e faceira.

eu me vejo
criança crianceira
pelos olhos da arteira
mil vezes multiplicada,
dando risada.

vejo como vi
comovida
com a vida.

hoje vou cirandar
com a criança criancinha
do meu seio. feito bichinho
em bico de luz de poste.
sem medo da.

eu não brinco
com esta vida de.
por isso brinco de viver
com ela. às claras.
dando alegres sérias
gargalhadas.



Janet Zimmermann é natural de Catuípe/RS e residente em Campo Grande/MS; tem publicados três livros de poemas: 'Asas de jiz' (Life Editora); 'Pétalas Secretas' (Editora Patuá) – vencedor do Prêmio Guavira de Literatura/Poesia em 2017; e 'três / poetas / uma / via / : / aldravia' (Life Editora), em parceria com os poetas Paulo Robson de Souza e Sylvia Cesco. Participou de sete antologias brasileiras. Administra o blogue literário 'Pol-yantho' e colabora com a 'Revista Pixé'. Membro da UBE-MS.

Campo Grande Centenária

por **Ledir Marques Pedrosa**



Imagem: <https://www.fundacaocultura.ms.gov.br>

Campo Grande, linda Morena,
Nascestes de um sonho mineiro.
Tu, que eras tão pequena,
Mesmo assim, já hospitaleira.

Foste crescendo, tal como uma criança.
Fase por fase, da infância à adolescência.
Vivias a tranquilidade e a paz,
Quando ainda habitavas a inocência.

Abrindo as portas e o coração,
Acolheste filhos de todos rincões.
Porque, Campo Grande, tu és humana,
Provocando muitas e muitas paixões.

Já idônea e amadurecida,
És cheia de encantos mil.
Hoje, cidade moderna,
Desse nosso imenso Brasil.

Das terras Sul-mato-grossenses,
És portal de entrada do Pantanal,
Com seus santuários ecológicos,
Com fauna e flora que não tem igual.

Campo Grande, tu és linda! Tu tens verdes,
Tens indústrias, tens pecuária e agricultura,
Tens esportes e tem lazeres.
Enfim, tu és cidade de Cultura.

De Mato Grosso do Sul és Capital,
O teu povo assim a quis.
Se este título tu ostentas,
Graças a teus filhos varonis.
Rio de Janeiro, cidade maravilhosa
Do Brasil, ninguém pode negar.
Mas um dia... oh! Campo Grande,
A mais formosa podes transformar!

De sonhos também se vive,
Assim já dizia o poeta.
Que tal Campo Grande querida,
Ser isto, o início de uma grande meta!



Ledir Marques Pedrosa é natural de Campo Grande - MS, ocupante da Cadeira nº 18 do Instituto Histórico e Geográfico - MS. Ocupante da Cadeira nº 26 da Academia Feminina de Letras e Artes - MS. Membro da União Brasileira de Escritores - MS. Sócia correspondente da Academia de Letras José de Alencar - Curitiba, PR. Participa de várias entidades sociais-filantrópicas, entre elas: ex-presidente do Clube Feminino de Campo Grande e atual presidente do Clube Laços de Amor, etc. Tem quatro livros publicados, sendo três de Genealogia e um Histórico. Participou de diversas antologias.



Campo Grande, 121 anos

Araras, capivaras...

Campo Grande, Mato Grosso do Sul:

– Viva esta Morena

que neste 2020 completa

121 anos de amor e luz

– És a riqueza desta gente:
solo fértil, águas abundantes ...

– Que delícia que é viver
nesta terra deslumbrante
onde mangueiras, goiabeiras
alimentam tua fauna, tuas aves...

Culturas múltiplas tem Campo Grande...

– Salve, Morena, Salve! –

– Tantas são tuas iguarias:
chimarrão, mate- gelado,
que é o nosso tereré,
tens a sopa paraguaia,
e chipa pra acompanhar o café...

Sendo obrigatória passagem
para o nosso Pantanal,
aqueles que por aqui chegam
se encantam com teu progresso
sem perder teu bucolismo
de cidade inda menina.

Ao lado de prédios, quintais
e coloridos jardins...
com sabiás e pardais
misturando cantos e cores...

Assim és e muito mais,
Morena dos meus amores:
centro urbano-provinciano
Te saúdo, minha cidade
Nestes teus 121 anos.



Lucimara de Oliveira Calvis Conhecida por MARA CALVIS. Sul-mato-grossense. Campo-grandense, poetisa e escritora. Mãe de Douglas Calvis Crelis e avó da Morgana Rodrigues Crelis. Lançou 22 livros paradidáticos infanto-juvenil. Poesias e contos poéticos em 8 coletâneas. Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS 2016). Tecnóloga em Marketing pela Faculdade Integrada do Ceará (FIC 2007). Especialista em Docência em Educação Ambiental para Cidadania e Sustentabilidade pela Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande/MS (2015). Mestra em Educação Profissional na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS 2019). É membro da União Brasileira de Escritores / MS desde 2012. É membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Mato Grosso do Sul, cadeira 35 - representando a Literatura Infantojuvenil. É membro da Academia Luso-brasileira de Artes e Poesias, ocupando a cadeira 84 e com o patrono Monteiro Lobato. Há 7 anos atua como consultora e educadora ambiental da Solurb, em Campo Grande, MS.

Dia da Árvore?

Não. Dia da Flor, do Fruto, da Semente...
Dia da Vida, da Arte, do Sol, da Terra, do Som
Do gorjeio do pássaro,
do saracoteio do passarinho...
Do coaxar do sapo, do canto da Seriema no
meio do mato,
É um elixir de sons, de vida, de intensidades,
É paz maior que nas cidades...
É dia, é dia, é som, é dia...
da vida, do irmão, de tudo que tem
e que não tem coração...
Poesia-flor ao chão...
Ipês floridos em pleno inverno...
Pau Brasilis... O pau-brasil
(paubrasilia echinata),
é a árvore do Brasil,
a velha Mata Atlântica,
Nessa Terra Brasilis, Brasil...
Em tudo história, dor, glória, sentimentos...
Sons e música, melodia e sangue...
Lê-se nas notas do violino...
Tristes composições,
sem nenhuma companhia,
A solidão, triste ecologia de um
viver esquecido...
Teatro e representação amarga de um fim...
O solilóquio do arlequim...
a doce colombina dança triste no salão...
São pétalas ao chão... são ruínas de histórias...
O sucumbir de notas tristes de esperança...
E o menino empina a pipa...
solta pandorgas no céu...
A Canindé bebê água de coco no coqueiro...
Papel de seda e hastes de bambu e cola...
O poeta em tintas pretas...
desliza e faz balé de tinta no papel...
Tinge-se ao nanquim os ideogramas...
As silhuetas das senhouras de sombrinhas...
Com seus tamancos ricos de elegâncias...
Extravagâncias nas pintas da onça-pintada,
O bugio alvissareiro da floresta
com seu urro anuncia...
O penteado do pica-pau amarelo,
vermelho ou branco...

O luar do sertão ao som caboclo da viola,
A semente crioula, a recordação
montada, Kadiwéu...
Os eternos e exímios cavaleiros Guaicurus...
Riqueza e beleza natural pantaneira,
A natureza chora triste,
O homem não lembra de onde é,
na amnésia esqueceu de onde veio...
O sentido da vida é viver,
o sentido de viver é honra...
O sentido tem, afinal, sentido,
o viver é a arte de partilhar...
Tudo na natureza partilha,
Parte da vida de um está na vida do outro...
Recordar a gratidão é essencial
para viver... Engrenagem...
Sinais, letras, composições, árvores,
lápís... Harmonia...
O velho papel amarelado, o grafite,
a letra e o fiel bordado...
Árvore-Infinitude-Poesia.



Marcos Coelho Cardoso é Escritor/Poeta. Graduação Letras (UFMS). Membro: Academia Douradense de Letras (ADL). Correspondente-Academia de Letras Teófilo Otoni/MG. UBE/MS; Mov. Nac. Elos Literários; Academia Popular Uruguaia de Cultura Nacional e Internacional. Obras: Dourados e sua Natureza (Seriema, 2013); Poesia em Cores (Seriema, 2014); Gotas de Poesia... (Marques, 2014, Português/Espanhol). ADL 25 anos (Biblio, 2018).

Recordações do que nunca tive, nem vivi

por **Nena Sarli**

Uma casa de pedras, enorme. A porta da frente de metal batido com pregos de bronze e grande ferrolho em forma de gárgula. As dobradiças, notei-as enferrujadas cobertas de teias de aranhas petrificadas. A chave permanecia na porta por dentro. Acho que para dar mais segurança nas noites de tempestade.

No salão principal, uma espécie de xícara de cristal emborcada no teto deixava a luz fosca por causa do pó acumulado pelos anos. Seu bojo guardava insetos também antigos.

As enormes janelas vestidas com cortinas de veludo carmim deixavam entrar a luz lúgubre da lua pela sala, conservando um azul frio no ambiente.

Havia também muitos candelabros em estilo gótico com desenhos de morcegos famintos, no bojo, velas de cera coloridas. Ainda enfileiradas nas laterais, tochas de madeira embebidas em um líquido viscoso preto.

O tapete vermelho cobria todo o salão. As mesas laterais estavam vestidas com toalhas de um verde escuro com franjas douradas, que pesavam o lugar.

A mesa de centro de madeira envernizada dava licença a um facho de luz das estrelas que pinçavam a luz prateada.

Os candelabros de que falei estavam colocados estrategicamente em lugares para não refletirem suas labaredas no espelho

enorme, a moldura em ouro com desenhos de anjos e demônios, símbolos egípcios, figuras mitológicas.

Olhei-me inteira: Vestido vermelho até os pés, o decote atrás ia até a cintura, cabelos castanhos escuros sobre os ombros, uma tiara de pedras como acessório, sapatos também vermelhos, salto quinze. Nos ombros, uma capa preta segura por um broche de brilhantes.

No centro da mesa principal, avistava uma toalha de crochê branquíssima. Baixelas em ouro branco com desenhos de miosótis em ouro amarelo. Todos aqueles símbolos, estudaria mais tarde, não estava com pressa.

Tive sede, peguei uma taça observando de soslaio que era cravejada com pequeninas pedras preciosas e dentro tinha uma mancha escura e uma gota desse líquido escuro ficara na borda. Larguei-a e peguei outra limpa.

As cadeiras seguiam o estilo da mesa, enormes, escuras, pontiagudas. Os mesmos símbolos dos candelabros. Conteí-as: 26. Tenho uma mania antiga de somar os números que me aparecem: $2+6 = 8$ (número do infinito).

Enquanto estava assim absorta, a porta à minha direita abriu-se e o mordomo, com as características elementares, fez uma reverência, deixando passar o dono da casa.

Não sei se seria de bom tom eu dizer mentalmente: “Meu Deus!”. O que era aquilo

que meus olhos viam!

Um metro e oitenta e cinco centímetros, 42, 43 anos? Cabelos pretos ofuscantes, têm-poras querendo ficar grisalhas. Olhos negros enigmáticos, olhar penetrante. Oitenta quilos? E as mãos, ah as mãos, finas, brancas suaves, unhas bem-feitas. O terno com aquele talhe inglês. Estendeu-me a mão que, sem perceber, tirei as luvas para poder tocar naquele ser à minha frente. O sorriso no canto da boca carnuda fez-me tremer. Quando sorriu mostrando os dentes, levei a mão à boca num frenesi. Perfeitos!

Jantar excelente, vinhos tintos secos. Música clássica. Eu, em uma ponta da mesa; ele, na outra. Ao terminar o jantar, levantou-se, veio em minha direção. Conduzida por ele, arregalei os olhos e soltei um gemido em sussurro. Todo meu ser vibrava: pensa, pensa, pensa! Não! Não pensa, não pensa...

Deixei-me apenas sentir aquela mão quente carregando-me, não importava para onde...

Senhores leitores e leitoras, um adendo: Acharam a descrição parecida com as de Conde Drácula? Qual nada! Voltem ao título: “Recordações do que não tive, nem vivi”. Já comentaram que a protagonista linda de viver é a escritora, né? Erraram. Escritores e poetas nem sempre contam o que viveram, para isso tem o dom da escrivinhação (sei que não tem essa palavra, ela foi inventada por aglutinação:

escrever/adivinhar). Vontade de ter realmente vivido o momento? Com certeza, não sou de ferro! Até mais! 📖



Maria Helena Sarti (**Nena Sarti**), professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação (aposentada). Escritora, Poeta, Declamadora Performática. Formada em Letras pela UCDB. Cursos de Extensão Literária (UCDB, FUNDAC e UFG); Presidente das Academias de Letras do Brasil do Mato Grosso do Sul – Cadeira nº. 01 e de Campo Grande – Cadeira nº. 18; Secretária da Academia Feminina de Letras e Artes do Mato Grosso do Sul – AFLAMS – Cadeira nº. 02; Secretária da Associação Internacional de Poetas; Diretora Executiva da Academia Luso-Brasileira de Artes e Poesias – Brasil (Virtual) – Cadeira nº. 11. Embaixadora Universal da Paz pela França e Suíça. Cinco Livros Solo, 23 Antologias e Coletâneas, 03 Títulos de Comendadora – Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Brasília.

III

**Antes da casa inteira
Coloquei meu coração
Em quarentena
Para ele
Minha caixa torácica
Ficou pequena**

V

**Faço uns haikais
Sobre a natureza
Em quarentena**

Haikais do livro “Diário Poético da Quarentena”



Entre períodos mais e menos produtivos Cassio Rodrigues escreve poesias desde a adolescência. Com a popularização dos blogs e das redes sociais começou a publicar seus trabalhos na internet, utilizando a rede para divulgar sua poesia e verificar as reações que elas causavam nos leitores. A partir destas impressões – e até de grandes poetas brasileiros alcançados pelo seu trabalho – Cassio atestou a qualidade literária de seus poemas, resolvendo publicar seu primeiro livro no formato de e-book. O seu “Diário Poético da Quarentena” se origina dos seus trabalhos compostos durante o período de isolamento social e buscam tratar deste tema com leveza, lirismo e humor. Seu primeiro livro tem o prefácio escrito por um dos maiores poetas brasileiros da atualidade, Glauco Mattoso, um ícone da poesia marginal dos anos de 1970 e 1980, ganhador de dois prêmios Jabuti.

Amor

por **Raquel Medina**

Imagem: <https://upload.wikimedia.org>

ainda lembro...
era verde feito céu rosado de inverno.
sinfonia de tuins no mato entardecido
era feito nariz desfilando ao vento gelado.
cheirava fronteira entre mato e cidade
e tinha gosto,
gosto de araticum no verão da infância
no chão de cerrado
ainda lembro,
apenas não sinto.



Raquel Medina Dias é natural da pequena grande Miranda/MS, atualmente reside em Campo Grande/MS. Mestre em Letras pela UFMS. É poeta e professora. Possui textos publicados em antologias, revista eletrônica e jornais impressos e eletrônicos. Trata-se de uma quase autêntica alma de Dom Quixote no reino de Sancho Pança com sangue paraguaio e nascida neste cerrado de Mato Grosso do Sul. Isso é quase tudo.

Um vestido de sonetos

por **Reginaldo Albuquerque**

Imagem: <https://4.bp.blogspot.com>

I
Sob a luz do lampião ela descansa,
cobre seu alvo corpo o sal do enredo
serenando-lhe o sono de criança,
e ainda corre em gotas, quedo e quedo...

Encostada à parede, dorme mansa
e vã a roupa que feri com o dedo,
quando ondulava deliciosa dança...
Pensei: — Agora!... Ela hesitou: — É cedo!...

O sonho desce... Um doce aroma emana
de exóticas flechinhas atiradas
por um cupido azul de porcelana,

ornando a penteadeira entre almofadas...
Mexe-se... e um fino traço de sultana
molda-se pelas curvas delicadas...

II
Na insônia por que passo e que me cala,
quis talhar-lhe um vestido de veludo
em lugar do outro, rico em pompa e gala,
pequeno, ideal, que não guardasse tudo...

Linha, tecido, agulha, onde há?... Contudo,
sobre este eventual papel opala,
costuro com um fio de ouro mudo,
vinte e oito versos para acarinhá-la...

Ri... balbucia... o braço ao chão pendente...
A chama treme... morre docemente...
Lá fora, o sol dardeja alto à janela.

Desperta... — Rápido! Vão lá sonetos!
Tramem rimas, quartetos e tercetos,
e ajustem-se à beleza e às formas dela!



Reginaldo Costa de Albuquerque tem 56 anos e campo-grandense-MS de coração. Possui considerável premiação literária em concursos de poesias, sonetos e contos. Participação em mais de cem coletâneas. Autor dos livros "Sonetos no azul da tarde" e "O santo que não tinha os pés".

VIVA SEU SONHO AGORA!

Publique seu livro

Orientações editoriais
do início ao fim de seu
projeto literário.

Faça seu orçamento
conosco e surpreenda-se!



(67) 99939-4746



biblioeditora@gmail.com



/biblioeditora

BIBLIO

editora

www.biblioeditora.com

Viva seu sonho agora!

Luigomes: o espírito do açude

por **Rogério Fernandes Lemes**

Nos idos da década de trinta ou quarenta, na região do Nhu Guaçú, mais precisamente depois da transposição do Rio Puitã, no município de Paranhos, conta-se do sumiço inteiro de uma família que, segundo relatos dos moradores locais, fora vitimada pela ação cruel e aterradora do Luigomes, um espírito que saía dos açudes em noites de lua cheia para transpassar as almas e condená-las a uma terrível paralisia culminando com a morte certa.

O primeiro caso de que se tem notícia ocorreu em uma noite, abafada, do dia 13 de maio de 1942. O seo Artur, chefe de família dedicado, fumava seu paiero sentado na varanda, com o olhar perdido na imensidão do pasto. Sua mulher, a querida Ramona, mexia com dedicação as panelas no fogão a lenha, onde o cheiro do guisado de mandioca com charque de vaca tomava conta do pequeno casebre.

O casal se mudara para a região um ano antes, vindos do Rio Grande do Sul para tentar a vida em terras devolutas com a promessa de prosperidade. Dois filhos nasceram na fazenda: Serafim e Leopoldina.

Enquanto Artur enrolava o cigarro de palha de milho, as crianças brincavam em roda da casa com dois cachorros perdigueiros: o Duque e o Cântor. Lá pelas tantas, ouviu-se um uivo de um dos animais seguido de um estrondo na cumeeira da casa. Rapidamente Artur

levantou-se e deu de mão em sua Winchester calibre 22 com oito munições envelhecidas.

Fora da varanda, oito morcegos agonizam na grama. Artur e Ramona endoideceram ao não visualizarem as crianças. Gritaram seus nomes, desesperados, que ecoavam silêncio a dentro. Com o auxílio de um lampião a gás, Artur contornou a calçada e avistou, primeiramente, Duque estirado no chão já sem vida.

OuvIU o choro da pequena Leopoldina que vinha detrás do chiqueiro das ovelhas. Artur correu até lá não se importando com o corte em uma das pernas, ao passar uma ponta de arame liso. O sangue quente escorria pela perna dormente. Queria apenas encontrar seus dois filhos. Leopoldina estava sentadinha, chorando, com o olhar perdido no nada. Apenas repetia o nome do irmãozinho: “Seafim papai. Seafim papai.”

Artur a tomou nos braços e a passou para a esposa, que chegou cansada logo atrás. Eles ouviram um “tchibum” que vinha do açude da invernoada das vacas leiteiras. Com o foco da lanterna no açude, Artur viu o pequeno Serafim caído próximo da água. Seus olhinhos estavam entreabertos e ainda respirava. Artur o tomou nos braços e correu até a casa, com o intuito de levá-lo até um hospital.

A cidade mais próxima ficava a quarenta quilômetros, que mais pareciam cem, devido à

estrada de chão mais que hostil.

Tentou, por várias vezes, dar a partida no Jeep Willys que estava com a bateria completamente descarregada, pela falta de uso.

Pediu, então, para a esposa ficar com as crianças até ele voltar com ajuda. Disse que iria correndo mais que o vento, pela reta, até a casa do compadre Milinho. Várias horas se passaram e Artur nunca retornou. Com o avançar das horas, Ramona viu a vida do filho esvair-se de seus braços até perceber que a pequena Leopoldina não estava mais com ela.

Deixou o pequeno Serafim deitadinho na cama e saiu à procura de filha. Andou sem rumo até atolar-se no banhado abaixo de sua casa. A lama negra prendia-lhe os pés e, num ato desesperado, Ramona afogou-se em meio ao capinzal e um poço, onde muitas cabeças da criação haviam perecido.

Depois de algumas horas, Artur retornou e, de longe, viu a luz do fogo que ardia no fogão à lenha. Chamou pela esposa, porém, nada ouviu a não ser o choro de uma criança que julgou ser sua amada Leopoldina. O choro vinha de fora; lá do açude onde encontrara o filho moribundo. Sem hesitar, pegou o farolete e caminhou cheio do mais terrível sentimento. A criança estava caída exatamente onde Serafim estava. Artur não sabia onde encontrava tanta força para ficar de pé.

Desolado, saiu sem rumo pelo brejo até encontrar o corpo da esposa. Enquanto lutava para não se afogar nas águas barrentas do banhado, ouviu o clamor dos filhos e da mulher pedindo, pelo amor de Deus, para não lhes fazer mal algum.

Artur, tomado por um sentimento de loucura e insanidade, não controlou o pavor em saber que sua família poderia ser dizimada pelo Luigomes, o espírito maldito dos açudes. Não conseguia pensar no fato de ter que deixá-los desprotegidos para sair em busca de trabalho. A lenda do Luigomes, que ouvira desde criança, destruiu sua percepção da realidade. Artur não distinguia mais o que era real e o que era, meramente, produto de sua imaginação.

Antes de investir contra a própria família, e tirar-lhes a vida, Artur cometeu ataques contra animais domésticos e de fazendas

vizinhas. A esposa percebia o sangue em suas roupas e, também, a ausência de Artur em noites de lua cheia. Atordoada e consumida pelo medo, Ramona trancava-se com os filhos no quarto e forçava um sono protetor.

Até hoje, por aquelas bandas do Pacuri, as pessoas evitam falar sobre a lenda do Luigomes, pois acreditam que, ao tocar no assunto, coisas agourentas sobrevêm na propriedade e, de alguma forma, o espírito maldito dos açudes se apossa das mentes fracas que dão lugar ao “poder fazer” que o Luigomes exerce sobre as pessoas. 



Foto: Arquivo pessoal do autor.

Rogério Fernandes Lemes é um autor brasileiro com seis livros publicados; editor e organizador das antologias Criticartes; Mato Grosso do Sul 40 anos; Natal com Poesia; 50 Vozes Poéticas do Brasil; e, Poemas de Quarentena. Natural de Amambai, MS; recebeu o título de Cidadão Douradense em 2019. Presidente e fundador da Academia Amambaiense de Letras (ACAL); atual vice-presidente da UBE-MS na gestão 2020/2022. É editor e criador do Jornal da Bíblia, um periódico literário mensal e gratuito. Siga no Instagram **@rogeriocisoms**

Atenção associados(as)!

Participem da 2ª edição da Revista Piúna (Nov/Dez). Mandem suas produções para:
revistapiunaubems@gmail.com



O borbulhar da mente

por **Sagramor Farias**

Anoitece. Preparo-me para o descanso habitual. Meu corpo cansado foi sensivelmente afetado por um esforço em demasia, que na minha idade não se permite mais. A teimosia e a ansiedade venceram essa limitação.

Descansei o corpo, mas a mente era um borbulhar de tragédias gregas com a interferência de pacíficas ondulações celestiais, que confundiam a massa cinzenta do meu cérebro.

Olho para a janela, ela só está fechada com a veneziana de vidro para que eu possa ver a claridade da manhã e, assim, não acordar tão tarde, como é do meu costume. A cortina também deixei totalmente aberta para não correr o risco de não levantar cedo. Meu corpo está confortável numa cama de casal. Do meu lado, a falta de alguém.

Minha mente trabalha sem parar, insisto para que ela descanse, inútil, continua com seus borbulhozinhos incômodos. Uma verdadeira guerra de joaninhas com suas inúmeras bolinhas. Ouço barulhos, desses que a madrugada faz, e que parecem ser maiores do que realmente são. Não me assusto mais com isso. Deve ser o Pequi, o gatinho da Maluh.

O relógio me indica 5 horas da manhã. Para quem queria acordar cedo, o cedo chegou sem precisar dormir. Olho novamente para a

vidraça, o astro-rei já ilumina a terra e tenho uma espécie de êxtase. - Ó, meu querido sol, e adormeço!

Acordo às 11 horas, com o telefonema da minha irmã, com sua voz baixa e comedida dizendo: “Bom dia, você está bem?”



Sagramor Farias nasceu na cidade pantaneira de Ladário, no inverno de 13 de julho de 1951. Trabalhou como radialista e professora. Lançou seu primeiro livro de poemas “No Azul dos Sonhos Meus”, em sua terra natal aos 40 anos de idade. Recebeu alguns prêmios de texto e declamação, através do Grupo Alec em Corumbá e da Noite da Poesia, através da UBE/MS, da qual já foi Presidente. Pertence à Academia Corumbaense de Letras, ao Grupo Alec e à União Brasileira de Escritores/MS.



Peça já seu exemplar!

Pelo e-Mail: sagramorfarias74@gmail.com



Nery da Costa Júnior nasceu em Amambai, MS no dia 7 de agosto de 1960; é filho de Nery Cavalheiro da Costa e de Argemir Holsbach da Costa. Casado com Regiane Silveira da Costa; pai de Ítalo Sávio, Renan Luíni, Vítor Hugo e Ian Michel. Reside em São Paulo; é Desembargador Federal no Tribunal Regional Federal da 3ª Região. Foi advogado em Mato Grosso do Sul. “Che Tiempo Guaré” é seu primeiro livro publicado. **É membro da UBE-MS.**

Che Tiempo Guaré

Por Sylvia Cesco

“Ai, de nós... A forma de uma cidade muda mais depressa que o coração de um mortal.”

(Charles Baudelaire, poeta francês)

Dizem que a tradução da expressão **Che Tiempo Guaré**, título do livro de autoria de Nery da Costa Júnior, seria algo como **“Meus Tempos Que Se Foram”**. Ambos muito poéticos, por sinal. Nery é amambaiense de quatro costados, radicado há tempos em São Paulo, tendo ficado à frente da vice-presidência do Tribunal Regional Federal-3 até março deste ano. Não conheço a atuação do Dr. Nery no âmbito de sua formação em Leis e Direito. Mas quanto à área literária, embora ele se julgue um *neófito*, (imaginem se não fosse...), o autor amambaiense se mostra um exímio escritor memorialista, maduro, contador de causos e de *histórias de amor e de saudades*; ele é, enfim, uma generosa e iluminada bússola para todos aqueles que também desejam ser *intérpretes do seu tempo*. Quando a cópia do original me chegou às mãos, passei longas horas, muitos dias viajando pelos trilhos do encantamento que me levaram até o *Alto Amambai*, um pedaço

de terras situadas na parte meridional de Mato Grosso do Sul, entre o sul de Ponta Porã, o lado leste do departamento del Amambay, no Paraguai e Ypehú. Abri portas de alegria, de risos e tristezas. Também mergulhei em riachos de pranto... Foi sim, uma longa, inesquecível e surpreendente viagem. Mas para lá, eu voltaria, se preciso fosse, muitas e muitas outras vezes para ouvir, ver e sentir tudo de novo... Porque foi lindamente perturbador dar de cara com minha mágica infância e abraçar minha sonhadora adolescência, exatamente iguais às que vivi nesta Cidade Morena. E foi bonito pisar nas estradinhas e ruas amassadas de barro, sentir o cheiro que por lá se sente e o sabor do que por lá se come. E aprender falar em amambaiês, a deliciosa linguagem peculiar daquela região.

Num processo de absoluto controle do uso do signo linguístico, à moda do sociólogo francês Maurice Halbwachs, para quem *não há lembranças a que o homem não possa fazer correspondência com as palavras*, Nery da Costa Jr, dono de uma memória prodigiosa, reconstruiu e resgatou as vivências de pessoas, sua cultura, seus causos inseridos num cenário que é *ao mesmo tempo, abençoado e extremamente rico*,

mas cujo povo passou por grandes dificuldades, inclusive ele e sua família. Em madura demonstração de como trançar os fios condutores de uma narrativa linear a partir de dezenas de depoimentos, registros, entrevistas, Nery Costa Jr debruçou-se, por mais de três anos e meio, sobre esse material recolhido pela jornalista Vânia Galceram, por um tempo, e pelo casal de jornalistas amambaienses, José Luiz Nunes Moreira e Viviane Viaut Moreira, essenciais à alma do Che Tiempo Guaré, que o acompanharam com zelo e competência até a última linha desta magnífica obra.

Che Tiempo Guaré está organizado em três partes: **I-Gotas do Cotidiano**, em que o autor se refere à *arte de viver de um povo*, com sua Praça, seus vizinhos, vigias e “donos”. Antônia Vera, a matriarca das mulheres “de vida fácil” (ou difícil?) do lugarejo. A história político-administrativa da época, com críticas e polêmicas e o registro de todos os prefeitos até os dias atuais. Esporte, arte popular, música, tudo passa diante dos olhos dos leitores. Não tem como sair ileso desse mar de deliciosas hístórias.

A Parte II do livro – **Os Cuera** – assim mesmo, no singular, que esse termo, de origem tupi-guarani, não se flexiona: é um **agrupamento de gente**. Mas em sua obra, o autor explica que *um cuera é nada menos que um craque. Um ser respeitável que é reconhecido por suas habilidades*. Nery selecionou cinco pessoas de seu convívio profissional e social, todas com uma história de amor com Amambai, mesmo lá não havendo nascido. Nas palavras de Nery Costa Jr, os cueras são craques do seu tempo que mereceram ser citados. *Criticados. Aplaudidos. Até vaiados. A gosto do leitor.*

E vieram de mundos diferentes: *um paraguaio, outro italiano, outro correntino, outro tinha origem indígena e outro, um caipira típico, tupiniquim*. Mas são seus cueras, possuidores de grande conteúdo humano.

Sabres e Tacapes é o título da Parte III do **Che Tiempo Guaré**. Sobre ela, transcrevo *ipsis litteris*, as palavras do próprio autor, porque penso que nem eu nem ninguém conseguiria traduzir o modo emocionado do autor ao revelar do que se trata **Sabres e Tacapes**: *Na terceira parte, minha lupa vai se encher de dor e compaixão. Vou à mea culpa e vasculho a relação das Armas. A presença marcante do Exército naquela fronteira e sua história vista por quem se viu prosperar no tempo das vésperas da vida sob seu sol e a relativizo em face da questão mais candente do desprestígio que se impõe aos índios Guarani Kaiowa mais algum ou outro terena que fazem do cinturão turvo da cidade de Amambai um efervescente pedido de socorro e palco de turbilhão de injustiças...*

Se você, leitor, é um cidadão que se incomoda com as mazelas sociais, que sonha com um mundo de justiça e sem violência; que reconhece que os povos índios também são portadores de direitos constitucionais e de uma mesma humana brasilidade, por certo, a

Parte III do **Che Tiempo Guaré** lhe trará grandes emoções. Ela é, de fato, o que se costuma dizer: um *gran finale*. Nela se expõe, feito uma chaga aberta, a situação dos nossos indígenas, ainda motivo de grande discriminação e desrespeito. É de Jamil Martins, arquiteto, poeta, compositor regionalista de Amambai, a maravilhosa capa deste livro, de extremo bom gosto - na verdade, uma obra de arte: o fundo branco representando o sossego de Amambai daqueles tempos; a Infância - representada pelo menino Nerinho - tranquila, prazerosa, a soltar bem alto uma pandorga - icônica estrela azul, (a cor do sonho) ; o Cine Primavera, marco da chegada da modernidade em Amambai; e o velho índio tembekuá, Marco Pererá, descalço, caminhando dignamente com seu velho cão, suas flautas, batuques , apitos e chocalhos, para chamar a atenção sobre a triste história de sua gente. Com Apresentação de Ednaldo Luiz de Mello Bandeira, atual prefeito de Amambai, e Prefácio do compositor Moacir Lacerda, do Grupo Canta-Dores do Pantanal, **Che Tiempo Guaré** é uma publicação da Biblio Editora-Dourados/MS. Esta obra, absolutamente indispensável, poderá ser adquirida a partir do dia 30 de julho, ao preço de R\$ 120, 00 pelo site: chetiempoguare.com.br



Sylvia Odinei Cesco da Silva é formada em Letras, Pedagogia e Psicopedagogia; Especialização em Língua e Literatura Portuguesa. Premiada em diversos Concursos de Poesias. Publicou: “Guavira Virou”; “Mulher do Mato”; “Sinhá Rendeira”; “Ave Marias Cheias de Raça”; “Histórias de Dona Menina”; e “três poetas uma via: aldravias”. Participou de diversas Antologias. Escreve sobre Literatura no Jornal “O Estado de MS”. Atual Presidente da União Brasileira de Escritores gestão 2020-2022.

A mulher que pisa sobre o mundo, quebra as algemas e esmaga a serpente

por Thaís Martins

Meu nome iniciático é Maria Thereza Trindade. Suporto os “dardos e arremessos do fado sempre adverso!¹” de ter nascido um século à frente da minha época, lá pelos anos 1900.

Tenho asas, sou pintora, sou Lídia Baïs, de meus gestos de artista surgiram anjos-mulheres, que voam libertas, deixando casas e árvores arrancadas do chão, viradas de cabeça para baixo, homens de joelhos, répteis, cruzeiros e caveiras de lado.

Sou descendente de nobres, morei entre os pobres e, desde a juventude, separei-me deste mundo desvairado. Dizem que sou conservadora; sou também revolucionária, reconheço que “jamais fomos modernos”², mesmo quando pintei o Micróbio da Fuzarca. Sou aquela que cravou em “autorretrato um coração em chamas sobre o peito”, a que encarnou, por vezes tranquila, por vezes alucinada, o calvário do ser mulher. Naqueles momentos reuni forças, dei vida ao imaginário e recriei A Mulher, que pisa sobre o mundo, quebra cadeias, esmaga a serpente, toca trombetas e canta. Esse é o meu legado.

Não foi simples construir meu acervo, àquela época, no Centro-oeste do Brasil. Para aprender, fugi de casa, encontrei mestres e

pintores, me vesti de homem, passei fome, mudei de nome, emudeci. Para criar, trabalhei em êxtase, quase ensurdeci.

E como enfrentei a tirania? “Ser ou não ser... Morrer, dormir. Mais nada. Talvez sonhar...”³ Tentava-me o nobre, eu nem respondia, insegura. Nas horas de dúvida, meu colega poeta falava em meu ouvido: “Não indagues se nossas estradas, tempo e vento, desabam no abismo. Que sabes tu do fim? Se temes que teu mistério seja uma noite, enche-o de estrelas... Talvez as canções adormeçam as feras que querem devorar o pássaro...”⁴

Era assim que ele falava e eu acalentei a ilusão de ser a eterna menina, cabeça nas nuvens, cheia de cachos, sorriso de lado. Ela era eu e eu era ela e enfeitava meus cabelos com fita e sussurrava cantigas para eu dormir.

Dizem que eu era louca, mas minha lucidez é capaz de transportar-me para outras esferas. De que nova maneira eu “... suportaria o escárnio e os golpes do mundo, as injustiças dos mais fortes, os maus-tratos dos tolos, a agonia do amor não retribuído?...”⁵

Deveria ter-me armado, como o príncipe, aquele da Dinamarca, “... contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-

¹ William Shakespeare: Hamlet, Ato III, Cena I.

² Latour, Bruno. Jamais Fomos Modernos. Editora 34. 1994.

³ William Shakespeare: Hamlet, Ato III, Cena I.

⁴ Paulo Menotti Del Picchia (1892-1988). Poema “O Voo”.

⁵ William Shakespeare: Hamlet, Ato III, Cena I.

lhes?...”⁶. Preferi os pincéis, o piano, o violão e a harpa para espantar aquela aura de moscas que nunca me venceu.

Meu mestre Murilo, vendo-me diante do abismo, convenceu-me de tanto repetir:

— “Não se trata de ser ou não ser. Trata-se de ser e não ser”.⁷

Liberta da dúvida, iluminada pelo fogo divino, pinte nas paredes de casa o painel das três graças. Mulheres que, mesmo nuas, têm pudores de freiras, têm um anjo perdido em si mesmas, herança pudica daqueles colégios estranhos por onde andei.

— O que é isso? Você e as nossas irmãs nuas? Espera que o pai já vai mandar-lhe vestidas. Murmurou meu irmão.

— Mas que bela artista. Aclamou-me meu pai. Eu de paleta em punho, em cima de uma escada, desenhando-me sentada ao lado direito de Cristo.

Depois que desisti de pintar, fui feliz quando abri as portas da casa e da alma para que entrassem os famintos, pessoas, gatos, galinhas, cachorros, micos e pássaros. Entre eles reparti-me e redistribui meus bens. Sorria e comia mingau, em meio àquela profusão de frutas “verdes, maduras, podres”⁸, ovos, roscas e pães preparados em muitos fogões. E lá estavam de volta os insetos, atacavam-me os desafetos, silêncio... Aí vem meu pai, socorro, estão me roubando. Junto dele, cheia de dengos, retornava ao ser menina. Depois que virei anjo não tenho espelhos, mas creio que foi com a face dela, “da eterna menina dos cachinhos”, que permaneci.

Dizem que morri virgem, apenas sei que jamais pari. Garanti minha descendência, adotei três filhas. Fui mãe generosa. A primeira cresceu comigo, foi segurando em suas mãos que me despedi, afinal, daquele corpo que não era mais eu. A segunda imortalizei com minha história e lá está seu nome nos espaços onde ela depositou minha memória. À terceira confiei o enigma de decifrar-me.

⁶ William Shakespeare: Hamlet, Ato III, Cena I.

⁷ MENDES, Murilo. “Pós-poema”. 1994: 432-3. In: Poesia Liberdade, 1944-5.

⁸ Frase popular do dramaturgo, poeta e romancista paraibano Ariano Suassuna: “Terceira idade é para fruta: verde, madura e podre”.

Agora sei, sou trindade, sou fé, sou esperança, sou caridade. E quando me retratei ao lado Dele, na Última Ceia, fui Madalena, morte e ressurreição.

— É pecado, falaram as comadres.

— É heresia, repetiram os padres.

“No deslumbramento da ascensão, se pressentires que amanhã estarás mudo, esgota como um pássaro as canções que tens na garganta... Desde que nasceste não és mais que um voo no tempo... Voa e canta enquanto resistirem as asas”(9). Incentivou-me o amigo que nunca me falta.

No universo paralelo onde existo, quebrei os protocolos, quando me olho no Olhar Supremo me vejo deus-menina, vejo-me deus-mulher.

Ouçó: O espírito da época me chama para uma nova missão. Nas noites enluaradas junto-me às amigas, convoco “meus personagens que descem de suas telas”(10) e vamos, mundo afora, pintar histórias sobre uma nova Terra, livre da miséria, da guerra, da poluição. 



Thaís Martins, Campo Grande, MS. Socióloga, antropóloga, Dra em Ciências Sociais. Premiada em concurso de contos da UFSCar, SP. Publicou: 1. Memórias Salpicadas de Esquecimento, Palavras das Letras, UFSCar, 2006. 2. A Mulher Que Pisa Sobre o Mundo Quebra Correntes, Esmaga a Serpente, Coletânea Komedi, SP, 2007. 3. Memórias da Chuva, MS, Life Ed. 2018. Escrevendo Memórias de Amor, sobre seus antepassados.

⁹ Paulo Menotti Del Picchia (1892-1988). Poema “O Voo”.

¹⁰ Nelly Martins “Duas Vidas”.



Detalhe do mapa Paraquariae Provinciae, onde aparecem a Lagoa dos Xaraíes e a ilha dos Orelhões (1732).
Fonte: wikipedia.org. Acesso em 20 de agosto de 2020.



A noiva Morena do Cerrado

por **Walesca Cassundé**

Setembrou –
e Iansã deu o ar da graça – ventos cortantes
varreram a poeira vermelha do asfalto,
granizos fustigaram e raios alumiam
todos os cantos do planalto.

Xangô, que acompanhava os passos da amada,
irritou-se com tanta sujeira acumulada
e lançou um balaio de gritos retumbantes.

Aos berros, acordou todos os viventes
do mar de Xaraés
apavorando o povo das serras,
planícies e chapadas
que, protegidos, invocavam desesperados
a mansidão de Oxumaré.

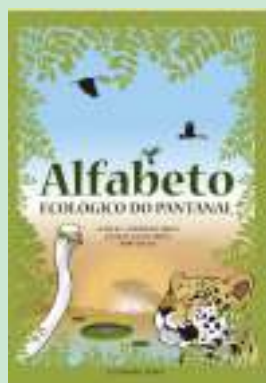
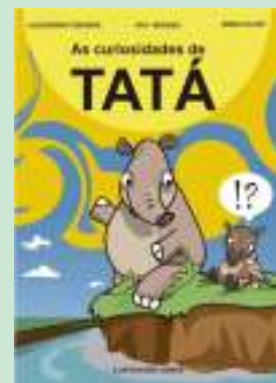
Eu, que a tudo assistia desde a véspera,
através da janela envidraçada,
bendisse cada gota de água derramada.

Há meses que a mãe natureza se enfureceu
com o desmazelo dos filhos da terra,
e o fogo grassa sobre os domínios de Oxóssi.

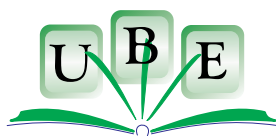
Arroboboi!
Salve o Senhor das águas supremas!

Enfim os ipês brancos estão livres
para derramar suas floradas;
com elas o cerrado se engrinalda
e a Morena se rende, faceira,
aos encantos da primavera.

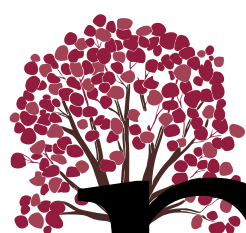
Walesca de Araújo Cassundé (Walesca Cassundé) é criminalista por vocação e humanista por excelência - faz poesia como uma espécie de catarse, para libertação física e purgação espiritual. "Confissões Essenciais – poemas", Centro Gráfico Ruy Barbosa, 2016 é seu único livro autoral. É colaboradora assídua da Revista Literária Pixé, publicada em Cuiabá/MT. Participou de diversas antologias. Seu poema "A noiva morena do cerrado" foi classificada em terceiro lugar no concurso "Noite nacional da Poesia, em 2019. É membro e atual Diretora de Cultura da União Brasileira de Escritores (UBE/MS) – gestão 2020-2022.



Coleção de Livros
Infantis da Associada
Mara Calvis.
Peça já os seus!
(67) 99227-5169



União Brasileira de Escritores
Mato Grosso do Sul



Revista

piúna

Periódico bimestral da UBE-MS

Projeto Gráfico:



www.biblioeditora.com

Viva seu sonho agora!

Revista piúna